

## Patrimônio enriquecido

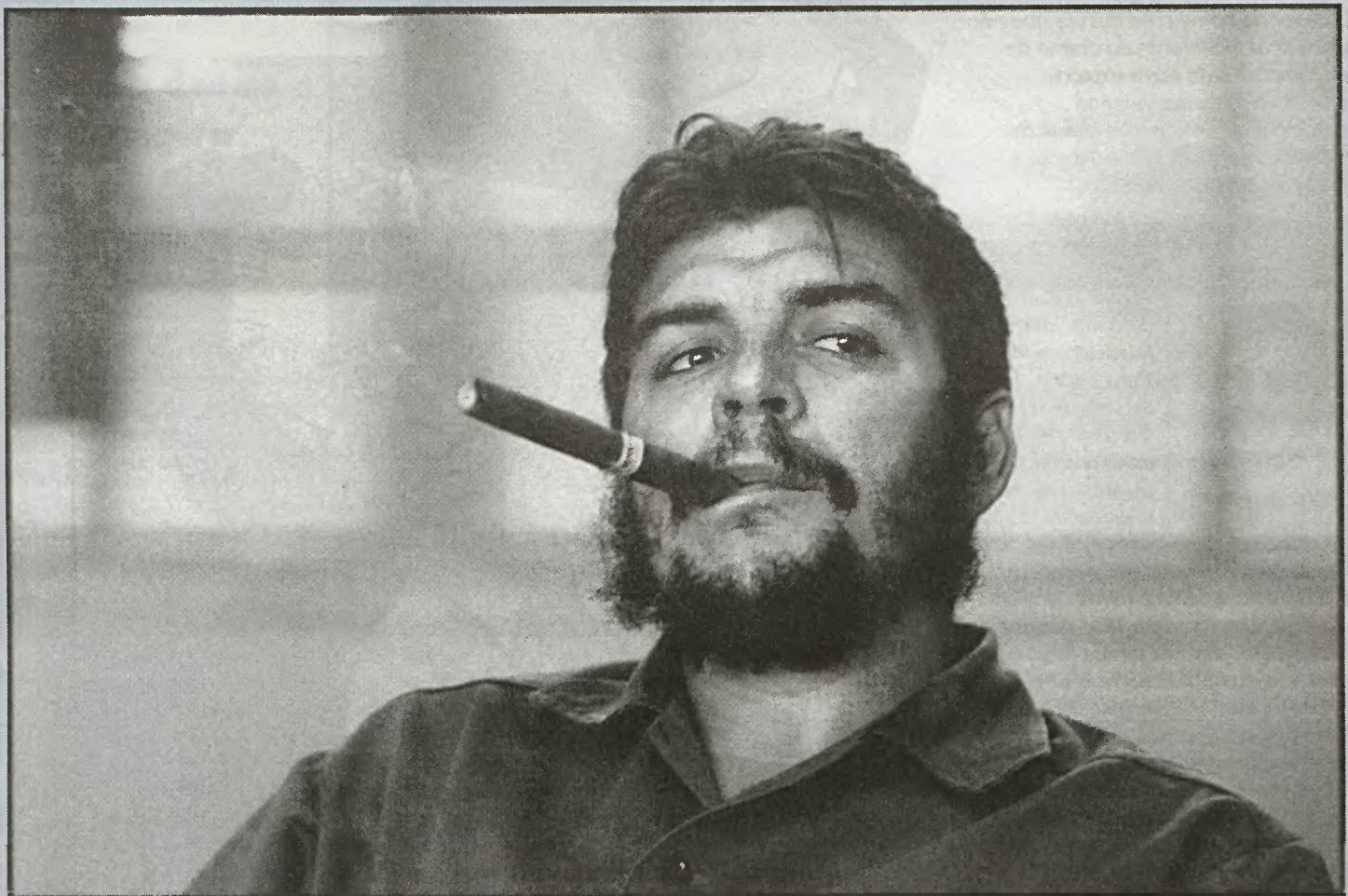
CESP repassa à UNESP imóveis na região de Ilha Solteira  
Pág. 3

## Rima e solução

Coxim salva xaxim da extinção  
Pág. 7

## Fruto degenerado

A acerola já não é mais a mesma  
Pág. 7



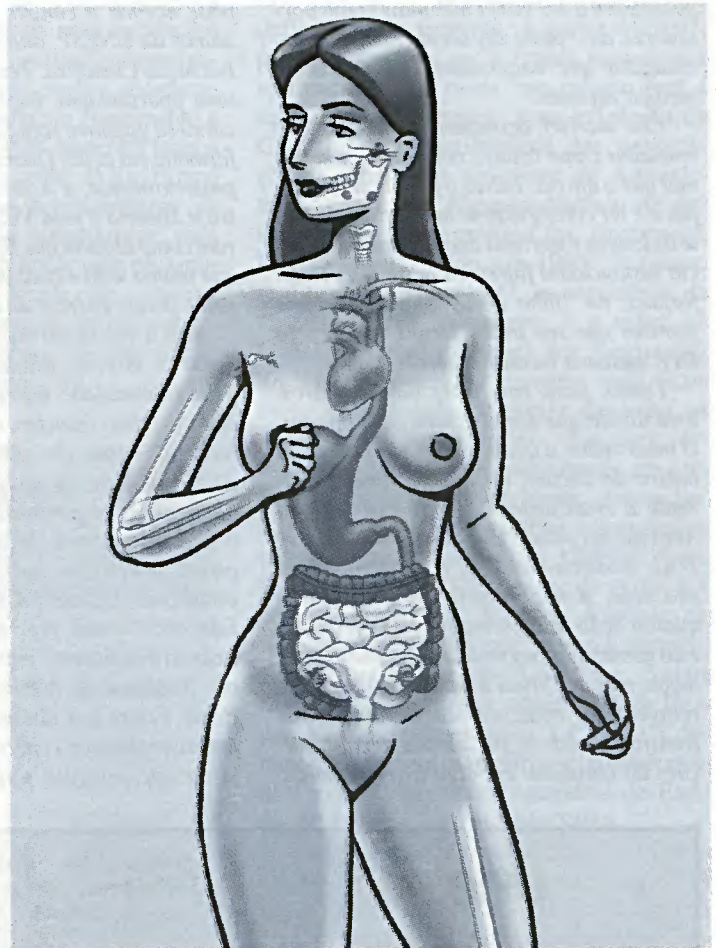
Reproduzido do livro *In Our Time*/ Guevara em Havana, Cuba, 1963. Foto de René Burri

## Anatomia do mito

Colóquio lembra os 30 anos da morte de Che Guevara. Págs. 10 e 11



Catadeiras de coco em Tocantins. Nair Benedicto/N Imagens



## Sexo frágil, qual o quê!

Livro aborda quatro séculos da aventura feminina nos trópicos. Pág. 13

## Corpo rebatizado

Mil das seis mil partes do corpo humano recebem novos nomes. Págs. 8 e 9

Três experiências bem sucedidas com menores em Assis. Pág. 16

# A unanimidade inteligente

ANTONIO CARLOS BERNARDO

*"O dever do homem de cultura que não queira ficar indiferente ao drama de seu tempo é o de fazer explodir as contradições, desvelar os paradoxos que nos põem diante de problemas sem solução aparente e indicar as estradas sem saída."*

Norberto Bobbio, em *Os Intelectuais e o Poder*



*Alguns o pensavam atrevido, outros o julgavam solidário. Para muitos, havia deixado de ser o intelectual revolucionário para se transformar em mero instrumento do assistencialismo burguês.*

*Todavia, para os que o conheceram na década de sessenta e tiveram a oportunidade de conviver com esse mineiro de Bocaiuva que, com seu sorriso largo e fina ironia, era capaz de convencer os poderosos sem se curvar e ensinar os humildes sem a marca da soberba, ali se encontrava um homem íntegro.*

*Essa é a imagem deixada por Herbert José de Souza, o Betinho da Ação Popular (AP), o irmão do Henfil cantado por Elis Regina.*

*Condenado pelo descaso com que certas autoridades cuidam da coisa pública, o homem magro, de fala mansa e olhos vivos, precocemente calvo, foi contaminado pelo HIV e pelo vírus da hepatite C, devido a duas transfusões de sangue, necessárias diante de sua hemofilia. Durante toda sua trajetória, ninguém ouviu do cidadão e do intelectual que optou pelo trabalho político não partidário alguma acusação a quem quer que seja. Antes, com sua presença diante da mídia e das autoridades, conseguiu fazer com que os doentes de AIDS passassem a ser vistos não mais como portadores da "peste do século", mas como cidadãos que necessitam de assistência médica especial.*

*Era incrível acompanhar sua ação e constatar como tratava com naturalidade o mal que o afligia. Talvez o fato de ser hemofílico e ter conseguido se manter são durante os longos e terríveis anos em que a violência institucional floresceu neste País tenha forjado, no "filho de Dª Maria", o elmo protetor que seu irmão Henfil, morto pelo HIV, buscava incansavelmente.*

*Tenho, para com estes dois mineiros, uma dívida que jamais conseguirei pagar. O mais velho, a quem conheci em 1960, no bairro do Jacaré, no Rio de Janeiro, durante a realização do Congresso dos 10 Anos da Juventude Universitária Católica, JUC, mostrou-me, com o testemunho de sua vida, a importância da política enquanto ação transformadora da sociedade e do homem. Ao segundo, morto muito mais moço, mas que viveu a vida sendo capaz de reinventá-la com seu traço humorístico transformando os paradoxos e contradições do cotidiano em algo a ser refletido,*



Mariz Dias Costa

*tive a oportunidade de agradecer em minha casa os efeitos terapêuticos produzidos por um de seus personagens, criado na época do governo militar.*

*Conviver com esses dois grandes homens, ainda que em momentos distintos, foi um privilégio reservado a poucos. Nesse sentido, posso me considerar um afortunado. Na última vez que procurei o sociólogo, o cartunista já havia falecido. Betinho, então com 49 kg e bastante debilitado, não pôde aceitar o convite para vir falar aos alunos da UNESP, durante o Congresso de Iniciação Científica. Teria sido, sem dúvida, uma oportunidade ímpar. Para ele, o discurso só ganhava significado quando transformado em ação. Quando criou o IBASE e, posteriormente, a Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida, muitos o indicaram como alguém que havia perdido a força que anima toda e qualquer luta, trocando-a pelos panos quentes do assistencialismo.*

*Mas o que se viu daí em diante foi justamente o inverso. Ainda que enfraquecido pela enfermidade expressa em seu físico, cada vez mais franzino, agigantava-se o ser humano, capaz de admoestar, ainda que com brandura, os amigos que, ocupando altos cargos no governo, não concretizavam o que ele buscava. Aveso a participar do poder, lembro-me apenas de nossa curta estada, em fins de 1963, no Ministério da Educação, como representantes da UNE, quando buscávamos implementar o Programa Nacional de Alfabetização junto com Paulo Freire e o discutíamos, às vezes de forma acalorada, com o mestre Anísio Teixeira, que, imagino, terá sabido perdoar a*

*insolência daqueles "meninos".*

*Com o advento do golpe, perdi o sociólogo de vista. Betinho, como tantos outros companheiros, optou pela clandestinidade. Voltei a reencontrá-lo anos depois, rapidamente, ainda clandestino, mas já de "olhinhos puxados", como ele mesmo dizia. Passava pela Av. Dr. Arnaldo, em São Paulo, próximo à Igreja N.S. de Fátima, com Aldo Arantes (ex-presidente da UNE). Numa simples troca de olhares, a surpresa e a alegria de sabê-los vivos. Desse encontro restou a memória do sorriso que vi brotar em sua face.*

*Foi este o Betinho que conheci e com quem aprendi que alegria, candura e tranquilidade não são incompatíveis para enfrentar os poderosos e "fazer explodir as contradições", transformando a sociedade. Companheiro do movimento estudantil, líder inconteste na JUC, que ajudou a transformar, e um dos idealizadores da AP, junto com o Pe. Henrique de Lima Vaz S.J., obstinado na luta contra as injustiças sociais e a favor da cidadania, viveu na mocidade as agruras da hemofilia com a mesma dignidade e coragem com que enfrentaria o governo autoritário, o HIV e a hepatite C.*

*Perdemos um amigo e a nação, um homem íntegro. Com tudo que nos foi dado vivenciar na peregrinação de sua morte, penso que finalmente Nelson Rodrigues foi contestado. Quando se pensa em Betinho, nem toda unanimidade soa burra.*

Antonio Carlos Bernardo é professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia na Faculdade de Ciências e Letras do campus de Araraquara.

## CARTAS

### INTEGRAÇÃO REGIONAL

Nos atuais tempos de globalização e integração regional, organizações que procuram estreitar os elos entre os países de língua espanhola e portuguesa merecem todo o estímulo e divulgação. Afinal, professores universitários e alunos da América Latina e do Caribe mantêm um intercâmbio bem menor do que o desejável. O maior problema talvez esteja na resistência ao fato inegável de que o diálogo entre línguas, culturas e visões de mundo diferentes leva a uma traumática reflexão dos próprios valores. Após ler matéria, na edição de agosto/97, nº 116, do *Jornal da UNESP*, sobre o seminário "O papel da universidade e da pós-graduação nos processos de integração econômica regional", tomei conhecimento da existência da Associação Universitária Ibero-Americana de Pós-Graduação (AIUP), organizadora do evento. Gostaria, portanto, de receber maiores informações sobre o funcionamento e as normas dessa entidade.

Paulo Zsobinkas, Pelotas, RS

Para contatar a Associação Universitária Ibero-Americana de Pós-graduação (AIUP), escreva para Torre del Clavero, Calle Consuelo, s/n, 37001 Salamanca - ESPAÑA, ou utilize o e-mail: aiup@gugu.usal.es

### HORROR ECONÔMICO

Na edição de agosto do *Jornal da UNESP*, nº 116, foi publicada uma matéria de três páginas sobre o livro *O horror econômico*, de Viviane Forrester. Considero o tema oportuno devido ao momento difícil que a sociedade brasileira atravessa. As diferentes visões sobre a obra me possibilitaram uma reflexão sobre os rumos que o País deve tomar para enfrentar o desemprego. Sinto-me mais gabaritado a emitir uma opinião após a leitura da reportagem. Parabéns! Acredito que esse tipo de matéria concretiza a proclamada proximidade entre a universidade e a sociedade como um todo.

Adilson Medeiros, Santos, SP.

### HQ e METEOROLOGIA

Após uma interrupção de alguns meses, voltei a receber o *Jornal da UNESP*. Escrevo para agradecer o envio desse periódico e para cumprimentar a toda a equipe. As três últimas edições, de junho, julho e agosto, estão fantásticas. Reportagens interessantíssimas e bem diversificadas, além de muito bem diagramadas. Gostaria de mencionar, particularmente, a reportagem *Quadrinhos que não estão no gibi* (julho, nº 115), sobre HQs, e *Pintou um clima* (agosto, nº 116), sobre as mudanças meteorológicas. Parabéns!

Maria Lúcia Neves, Galeria de Arte da Unicamp, Campinas, SP.

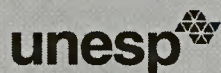
### ALUNOS NO JORNAL

Escrevo a vocês, do *Jornal da UNESP*, em meu nome e no de alguns outros colegas da faculdade. Gostamos muito do jornal que vocês fazem, embora sejamos da opinião de que faltam reportagens sobre alunos: seus problemas, suas realizações, seu dia-a-dia. Agora, o mais importante: dificilmente temos acesso ao jornal, que, tão logo chega por aqui, desaparece nas mãos dos professores.

Frederico Laguna, quartanista de Engenharia Civil da Faculdade de Engenharia e Tecnologia do campus de Bauru.

### CORREÇÃO

A reportagem *Periódicos serão avaliados*, publicada na edição de agosto do *Jornal da UNESP*, nº 116, contém alguns erros. Ao contrário do que diz o texto, apenas as revistas científicas, de responsabilidade da Reitoria, passarão pela Comissão Especial de Avaliação dos Periódicos Publicados pela Editora UNESP. Os periódicos publicados pelas unidades estão isentos dessa avaliação. O cargo correto do professor Antônio Celso Wagner Zanin é assessor especial do gabinete do reitor para assuntos acadêmicos. As fotos que ilustram a reportagem também são inadequadas, já que se referem a publicações que não passarão pela avaliação da comissão.



Reitor: Antonio Manoel dos Santos Silva  
Vice-reitor: Luis Roberto de Toledo Ramalho  
Pró-reitor de Administração: Ricardo Antonio de Arruda Velga  
Pró-reitora de Graduação: Maria Aparecida Viggiani Bicudo  
Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: Fernando Mendes Pereira  
Pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários: Edmundo José De Lucca  
Secretária Geral: Maria de Lourdes Mariotto Haidar

Diretores das Unidades Universitárias: João César Bedran de Castro (FO-Araçatuba), Paulo Eduardo de Toledo Salgado (FCF-Araçatuba), Wellington Dinelli (FO-Araçatuba), Cláudio Gomide de Souza (FCL-Araçatuba), José Roberto Ermandes (IQ-Araçatuba), Antônio Queice Salgado (FCL-Assis), Cleide Santos Costa Blancardi (FAAC-Bauru), Jehud Bortolozzi (FC-Bauru), Ivan de Domenico Valarelli (FET-Bauru), Elias José Simon (FCA-Botucatu), Paulo Eduardo de Abreu Machado (FM-Botucatu), Sheila Zambello de Pinho (IB-Botucatu), Eunice Oba (FMVZ-Botucatu), Neide Aparecida de Souza Leffeld (FHDSS-Franca), Fernando Augusto Silva Marins (FE-Guaratinguetá), Orivaldo Ari (FE-Ilha Solteira), Júlio César Durigan (FCAV-Jaboticabal), Antônio Geraldo de

Aguiar (FFC-Marília), Alvanir de Figueiredo (FCT-Presidente Prudente), Osvaldo Aulino da Silva (IB-Rio Claro), Sílvio Carlos Brey (IGCE-Rio Claro), Wilson Maurício Tadini (Ibilce-São José do Rio Preto), José Eduardo Junho de Araújo (FO-São José dos Campos) e Regina Coeli Guedes de Souza Pinto (IA-São Paulo).

### JORNAL DA UNESP

Editor chefe: José Roberto Ferreira  
Editor: Paulo Velloso  
Redação: Evanildo da Silveira, Oscar D'Ambrosio e Waltair Martão  
Editor de Arte: Celso Pupo  
Edit. Eletrônica: Paulo Nunes Rocha  
Fotografia: Monica Richter

Colaboraram nesta edição: Baptista, Mariza Dias Costa e Paulo Zilberman (ilustração) e Claudio Takahashi (fotografia)  
Produção: Mara R. Marcato e Patrícia do Carmo  
Revisão: Maria Luiza Simões  
Tiragem: 15.000 exemplares

Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa.

A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.  
Endereço: Alameda Santos, 647, 13º andar, CEP 01419-001, São Paulo, SP. Telefone (011) 252-0323 e 252-0327. Fax (011) 252-0207.  
Fotolito e Impressão: Imprensa Oficial



# A Universidade está maior

**Encerrando 21 anos de negociações, CESP repassa à UNESP terrenos urbanos e áreas rurais na região de Ilha Solteira.**

**CERIMÔNIA**  
Colvara (à dir.), durante assinatura das escrituras: 264 mil m<sup>2</sup> de áreas urbanas

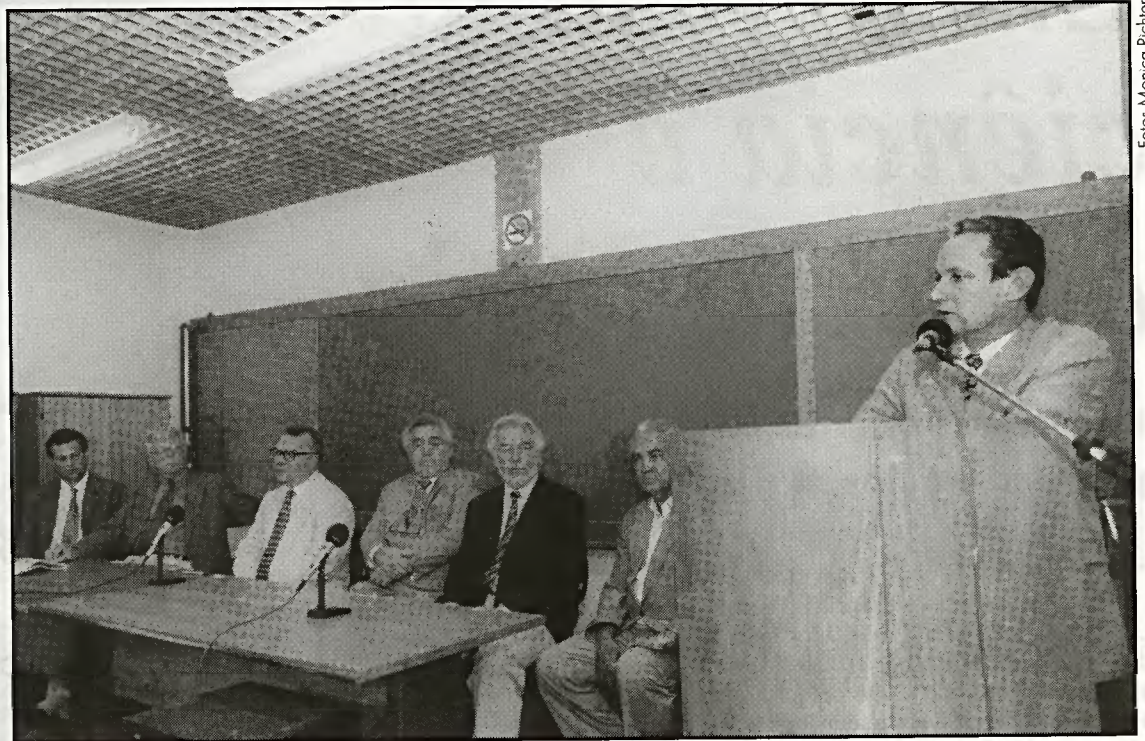


Foto: Monica Richter

No primeiro provão do MEC, realizado em novembro de 1997, o curso de Engenharia Civil da Faculdade de Engenharia (FE), câmpus da UNESP de Ilha Solteira, recebeu conceito "A". A fase de alto astral da faculdade, que ainda comemora o fato de ter sido uma das instituições que mais tiveram recursos repassados pelos programas Infra I e II da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), atingiu seu ápice no dia 18 de julho passado. Na ocasião, aconteceu a cerimônia de assinatura das escrituras de doação definitiva de imóveis de propriedade da CESP-Companhia Energética do Estado de São Paulo para a UNESP, usados pela unidade em regime de comodato. A solenidade foi realizada nas dependências da biblioteca da faculdade e contou com representantes das duas instituições e da Prefeitura Municipal.

Cerca de 264 mil m<sup>2</sup> de áreas urbanas e 1,65 mil ha de áreas rurais passaram a integrar o patrimônio imobiliário da Universidade. "Temos agora maior tranquilidade para investir em obras que promovam a expansão de nossos cursos", comentou na oportunidade Orivaldo Arf, diretor recém-empossado da FE. A regularização das áreas pôs fim a 21 anos de negociações. "Não podíamos mais protelá-la", afirmou Daniel Antônio Salati Marcondes, docente da Faculdade de Ciências Agrômicas (FCA) do câmpus da UNESP de Botucatu e diretor de Meio Ambiente da CESP. "Uma parte das ações da companhia deverá ser privatizada, para equilibrá-la financeiramente, e seria importante regularizar todas as situações pendentes."

Laurence Duarte Colvara, ex-diretor da FE, que deixaria o cargo no dia posterior à assinatura, dizia-se aliviado: "Diversas instalações da Universidade em Ilha Solteira poderiam ser questionadas por novos acionistas da empresa, trazendo problemas administrativos à nossa instituição". Laurence tinha mesmo motivos para apreensão. Boa parte da Faculdade de Engenharia estava até então instalada em muitas áreas ainda pertencentes legalmente à CESP. Casos, por exemplo, da sede central, onde se situa a diretoria e o Centro Computacional, e das instalações do Departamento de Agronomia.

## FAZENDA

Um dos principais motivos de preocupação, porém, era a Fazenda de Ensino e Pesquisa, unidade complementar localizada no município de Selvíria, já no Mato Grosso do Sul. A fazenda tem uma área superior a 1.500 hectares. "Ela se divide em três setores, os de produção animal e vegetal e uma área de preservação", explica o zootecnista Luiz de Carvalho Landell Filho, docente do Departamento de Zootecnia da faculdade. "Temos bovino-cultura, suinocultura, fruticultura, hortas, plantações, um moderno maquinário agrícola, enfim, toda a infraestrutura para a adequada formação de nossos alunos", reitera o agrônomo Antonio César Bolonhesi, professor do Departamento de Fitotecnia e ex-supervisor da fazenda.



**ENSINO E PESQUISA**  
Landell Filho e Bolonhesi: infraestrutura adequada para a formação dos alunos

A FE nasceu praticamente ao mesmo tempo que a UNESP, em 1976. A proximidade com a CESP foi uma das alavancas de sua criação, uma vez que a estrutura de instalação, laboratórios e a usina hidrelétrica da empresa seriam acessíveis aos cursos de Engenharia da Faculdade. Havia até a possibilidade, conforme acordo informal, do repasse à Universidade de parte do equipamento da CESP, assim que a empresa não o julgasse mais necessário. Para facilitar a instalação da UNESP, a CESP cedeu, definitivamente ou em comodato, vários de seus terrenos para a Universidade. "Em alguns casos, recebemos até mesmo prédios, que serviram para ministrarmos as primeiras aulas da faculdade", lembra Landell Filho.

Desde então, uma série de atividades pas-

saram a ser desenvolvidas em conjunto com as duas instituições. Ainda hoje, docentes da FE ministram cursos para técnicos e engenheiros da CESP. Por sua vez, a empresa coloca à disposição da Universidade suas instalações para o aperfeiçoamento dos futuros engenheiros. Em abril, por exemplo, alunos, coordenados pelos professores Jeferson Nascimento e Milton Dall'Aglio Sobrinho, puderam fazer a medição da vazão de um trecho do Rio Paraná utilizando sofisticados equipamentos da CESP. "É uma situação normalmente vista apenas na teoria, possibilitada pela proximidade e intercâmbio que temos com a companhia, valiosa para a formação do estudante", frisa o professor Dib Gebara, docente do Departamento de Engenharia Civil.

## Imóveis repassados à UNESP

Descrição	Área		Avaliação R\$ (ref. out/96)
	Terreno	Construção	
Área de expansão A-10	50.181,63 m <sup>2</sup>		308.115,20
Área de expansão A-06	62.343,57 m <sup>2</sup>		382.789,51
Área de expansão A-07	112.752,45 m <sup>2</sup>	2.342,08 m <sup>2</sup>	1.319.483,39
Quadra BR-C-4 - lote 01-A	38.852,14 m <sup>2</sup>	1.319,00 m <sup>2</sup>	694.876,11
Cerrado 1ª área - Selvíria	352,8180 ha		694.876,11
Cerrado 2ª área - Selvíria	71,80 ha		66.774,00
Cerrado 3ª área - Selvíria	1.151,6830 ha		671.190,65
Pomar e horta - Ilha Solteira	71,2264 ha		189.009,20
Passeio Salvador nº 117 e nº 119	264,00 m <sup>2</sup>	96,00 m <sup>2</sup>	12.090,81
<b>TOTAL</b>			<b>3.972.449,61</b>



**INSTALAÇÕES**  
Prédio da sede central da diretoria: incorporado ao patrimônio da UNESP



## PROCESSO MOROSO

Mudanças administrativas e entraves burocráticos, de ambas as partes, tornaram moroso o processo de transferência definitiva dos terrenos. A partir de 1993, porém, acelerou-se o ritmo para a sua efetivação. "Não havia um projeto para a ocupação dos terrenos, uma exigência da CESP para a continuidade das negociações", comenta o pró-reitor de Administração, professor Ricardo Antônio de Arruda Veiga. "Este projeto foi, finalmente, iniciado e concluído em 1996", informa.

Em janeiro de 1997, o presidente da CESP, Andréa Matarazzo, e o reitor da UNESP, Antonio Manoel dos Santos Silva, assinaram um instrumento onde ficou expressa a doação definitiva de todas as áreas antes comodatas. Questões formais, que impediam a escrituração em cartório e a doação oficial, foram eliminadas. Para isso, foram necessárias intervenções também do vice-reitor da UNESP, Luiz Roberto de Toledo Ramalho, do pró-reitor de Administração, Ricardo Antônio de Arruda Veiga, e de seu assessor técnico, José Eduardo Soares Candeias. Salati Marcondes e o diretor administrativo Gerson Kosma representaram a CESP. "Contamos ainda com a importante colaboração de David Zylbersztain, secretário de Estado de Energia", acrescenta Salati.

Para o registro em cartório, faltava ainda equacionar débitos recentes de IPTU. Esta situação foi resolvida entre a direção da FE e a Prefeitura de Ilha Solteira, em um processo de negociação aprovado pela Câmara Municipal, que concedeu isenção do tributo. "A cidade reconhece a importância do trabalho da faculdade, orgulha-se de poder sediá-la e a decisão dos vereadores não poderia ser diferente", acentua Sebastião de Paula, prefeito local. "Temos certeza que a UNESP continuará crescendo e este ato demonstrou tal confiança."

Waltair Martão

MOBILIZAÇÃO

# Em defesa da ciência e da tecnologia

## Frente faz diagnóstico e propõe uma política nacional para o setor

**P**reocupados com a inexistência de uma política de Ciência e Tecnologia para o País, deputados federais de vários partidos e representantes de universidades e instituições de pesquisa e da sociedade civil resolveram se mobilizar. Na última reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), ocorrida entre os dias 14 e 18 de julho, em Belo Horizonte, lançaram a Frente em Defesa do Sistema Nacional de Ciência e Tecnologia, que pretende fazer um diagnóstico do setor e propor uma política nacional e federativa para aumentar sua eficiência.

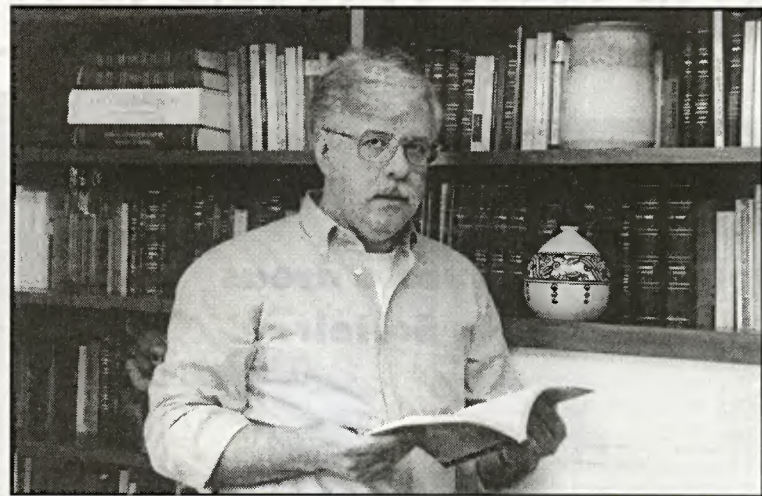
Essa frente maior começou, na verdade, na Câmara Federal, no dia 6 de maio, quando foi lançada a Frente Parlamentar em Defesa da Ciência e Tecnologia, que teve como primeira atividade um seminário na Comissão de Ciência e Tecnologia da Câmara, nos dias 18 e 19 de junho. Com a participação de cerca de 200 pessoas em cada dia, entre as quais pesquisadores, administradores de recursos estatais e privados, empresários, autoridades acadêmicas e dirigentes de associações de docentes e de pesquisa, o seminário debateu três grandes

temas: *O Estado hoje, A importância da Ciência e Tecnologia para o desenvolvimento e A situação da pesquisa em Ciência e Tecnologia*. Os debates, gravados, estão sendo passados para o papel e, posteriormente, serão transformados em livro.

### POLÍTICA DE EXECUTIVO

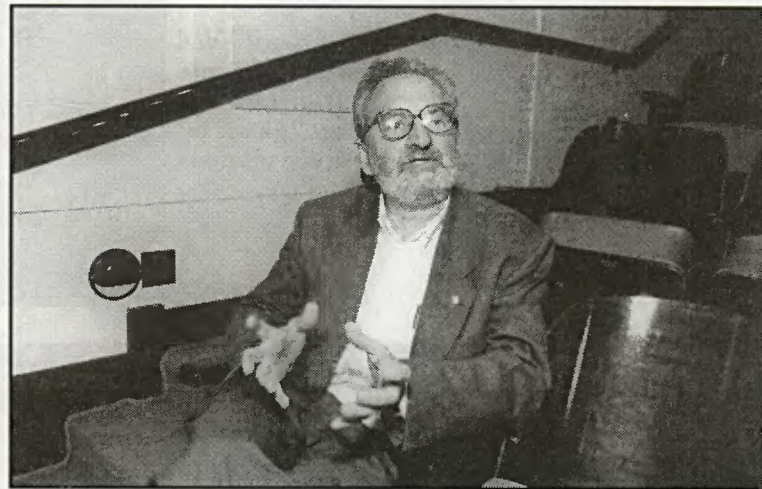
Para o professor Roberto Romano, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que participa da Frente, essa iniciativa veio mais do que na hora. "O Brasil não tem uma política de Estado para Ciência e Tecnologia", diz. "O que existe é uma política do executivo para o setor. Para piorar, quem manda nessa política é a área econômica do governo, que só pensa em cortar gastos e não se interessa por Ciência e Tecnologia."

No âmbito do Legislativo, a situação não é melhor. Existe a Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática, composta por mais de 30 deputados, que deveria se ocupar do assunto. Mas não é isso o que acontece. "Mais de 90% das atividades dessa comissão estão dirigidos para a con-



Fotos: Monica Richler

**CORTES Romano:** política de executivo



**DENÚNCIA Valente:** lobby muito poderoso

cessão de canais de rádio e televisão", informa o deputado Ivan Valente (PT-SP), um dos líderes da Frente. "É um lobby muito poderoso". Para resolver esse problema, a Frente Parlamentar em Defesa da Ciência e Tecnologia vai se mobilizar para criar uma subcomissão de Ciência e Tecnologia.

A última reunião da Frente, ocorrida em São Paulo, no dia 12 de agosto, serviu para determinar um calendário de visitas às universidades e aos centros de pesquisa de todo o País. "O objetivo é fazer um diagnóstico dessas instituições", explica Valente. "As

visitas serão feitas em conjunto por cientistas e deputados. Isso poderá fornecer elementos para uma estratégia ampla e democrática de orientação legal e orçamentária, de modo a incentivar o trabalho nos campos da Ciência e Tecnologia nacionais." Na reunião também foram anunciados o lançamento da Frente Parlamentar em Defesa da Ciência e Tecnologia Estadual, que estava programado para acontecer no dia 28 de agosto, e a data da próxima reunião, 15 de setembro, quando será escolhida a coordenação permanente da Frente Nacional.

MEMÓRIA

## História preservada

### Prefeitura tomba prédio no câmpus de Franca

**N**um País sem memória, qualquer passo no sentido de preservar a história deve ser comemorado. Essa máxima se torna duplamente verdadeira quando ocorre justamente o tombamento de um edifício que abriga uma faculdade de História. Foi o que aconteceu em Franca. Em 11 de agosto último, o prefeito da cidade, Gilmar Dominici, assinou o decreto nº 7.420/97, tombando a fachada do prédio em que hoje funciona a Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FHDSS) da UNESP e a capela dedicada a Nossa Senhora de Lourdes existente no mesmo câmpus. Isso significa que, a partir de agora, o Município toma o edifício sob sua guarda, comprometendo-se a conservá-lo e a protegê-lo de alterações ou depredações. "Fico muito

feliz com essa decisão. Há muito que esperávamos por isso", diz a historiadora Teresa Malatian, coordenadora do Curso de Pós-Graduação em História da instituição.

Na mesma cerimônia de assinatura do decreto, Malatian foi empossada como integrante do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Turístico (Condephat) de Franca. Ao comentar a importância do tombamento do prédio onde funciona a FHDSS para a cidade, a docente destacou que a medida foi o resultado de uma reivindicação de mais de uma década. "Conseguimos finalmente derrubar as barreiras municipais e da política universitária para atingir nosso objetivo", diz a historiadora, lembrando que o Colégio Champagnat, a Estação da Mogiana e o



Thor Crespi Amêndola

Museu Histórico municipal também foram beneficiados pelo tombamento.

O prédio onde hoje funciona a FHDSS foi construído, em 1888, graças ao esforço do vigário Monsenhor Rosa, que convidou as irmãs de São José, congregação de origem francesa, para mon-

tar um colégio feminino na cidade. Surgiu assim o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, que foi recebendo, com o passar dos anos, novos blocos, mantendo-se, porém, a entrada principal atual pela rua Major Claudiano, 1488.

Adquirido pelo governo estadual em 1968 para instalar a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Franca, fundada em 1963, o edifício mantinha cursos de Letras, Geografia e Pedagogia. Hoje, abriga cursos de Direito, História e Serviço Social da UNESP. "A reativação do Condephat em Franca, que estava desmobilizado desde a administração anterior, era questão de honra", frisa o prefeito Dominici. "Afinal, preservar o patrimônio histórico da cidade é preservar a sua memória".

Como prefeito concorda a historiadora Malatian: "A vitória que obtivemos é um alerta aos cidadãos francanos para que possamos resgatar a história da cidade e garantir a sobrevivência de outros imóveis e locais públicos e particulares essenciais para a história da cidade", conclui.

## Governo veta subemenda à LDO

### Perda das universidades paulistas chega a R\$ 98 milhões

**O** governador Mário Covas vetou subemenda à Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) que previa o repasse de 9,57% sobre compensações por perda de receita às universidades estaduais paulistas. Com isso, a UNESP, Unicamp e USP deixarão de receber, em 1998, em conjunto, cerca de R\$ 98 milhões. Isso acontece por causa da chamada Lei Kandir, que desonerou do ICMS os produtos primários para exportação. A queda de arrecada-

ção resultante é compensada, entretanto, por repasses do governo Federal. É justamente sob essas compensações que os autores da emenda, deputados César Callegari (PSB), José Baccarin (PT) e Milton Flávio (PSDB) queriam que também incidissem os 9,57%.

Para César Callegari, o repasse às universidades desses 9,57% sobre as compensações por perda de receita é uma questão de justiça. Além disso, o deputado reclama que Covas desrespeitou um acordo feito com seu líder na

Assembleia Legislativa, deputado Vanderlei Macris. "Afinal, Macris fala pelo governo de São Paulo ou não?", indaga Callegari. "É incrível que o governador tenha vetado o texto final que foi negociado com os deputados de sua própria base de sustentação."

Na justificativa do veto, o governador alegou que o dispositivo não se limitava a adicionar ao orçamento das universidades 9,57% das compensações efetivamente recebidas pelo governo do Estado por perda de

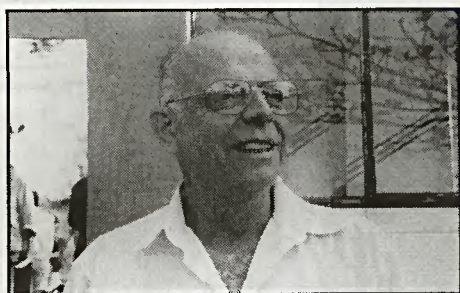
arrecadação do ICMS, mas determinava o acréscimo de todos os valores repassados. "O governador quer o dinheiro sem endereço e percebeu que se abriu uma avenida não apenas para que voltassem os recursos para as universidades, mas para a Educação como um todo", diz Callegari. "Agora vamos nos mobilizar, junto com representantes dos estudantes, professores e reitores, para derrubar o veto do governador."



# Terra sem guerra

**Ação da UNESP em assentamentos pode ser ampliada com novo decreto estadual**

**M**oradia, invasão de terra, trabalho e cidadania. Essas foram as palavras mais ouvidas durante a assinatura, pelo governador Mário Covas, no último dia 1º de agosto, em Teodoro Sampaio, 710 km a oeste de São Paulo, do decreto nº 42.041/97, que tenta solucionar os conflitos de terra no Estado.



**PARCERIA**  
Manduca (acima) e José Rainha: intercâmbio proveitoso

A escolha da cidade se justifica porque as lutas fundiárias são seculares na região do Pontal do Paranapanema, extremo oeste paulista. O documento estabelece que fazendeiros que possuam áreas cuja posse ainda não foi legalizada podem abrir mão de 35% a 70% da terra para fins de reforma agrária. Em troca, recebem a regularização definitiva do restante. Presente ao evento, Raul Jungmann, ministro da Política Fundiária, destacou a importância da medida. "Estamos mostrando que reforma agrária não é subversão ou ideologia, mas democracia", disse.

Com o decreto, que regulamenta o artigo 9º da Lei Estadual nº 4.925/85, o governo pretende arrecadar 70 mil hectares, área suficiente para assentar 3 mil famílias na região, perspectiva vista com otimismo pelos cerca de 300 sem-terra que presenciaram a assinatura. José Rainha, líder do Movimento

dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), manifestou confiança no documento. "Tomara que o dia de hoje seja um marco para os sem-terra do país", afirmou.

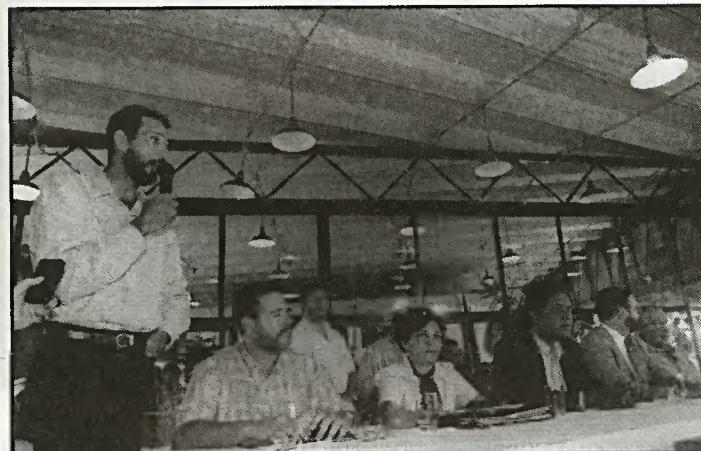
### CONVÊNIO

De pouco adiantaria, porém, que os sem-terra recebessem áreas para plantio sem acesso às avançadas técnicas agropecuárias. "A participação da UNESP é fundamental para que a transição dos sem-terra para produtores rurais seja bem-sucedida", avalia o geógrafo Bernardo Mançano Fernandes, do Departamento de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) de Presidente Prudente. "Sem dúvida, a UNESP é a instituição de ensino superior que está mais próxima dos assentamentos", avalia.

Em vigor desde julho/95, convênio assinado entre a Fundação para o Desenvolvimento da UNESP (Fundunesp) e o Instituto



**SEM-TERRA**  
Assentamentos para três mil famílias na região



que ministra cursos sobre Alternativas Tecnológicas, Gerenciais e Organizativas para a Pequena Propriedade Familiar.

### CIDADANIA

Coordenador de projeto de pesquisa que buscou a avaliação econômica de assentamentos fundiários no Estado de São Paulo, o engenheiro agrônomo Antônio Carlos Manduca, do Departamento de Economia Rural da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV) do câmpus de Jaboticabal, enfatiza as pesquisas realizadas nos assentamentos graças ao convênio. "Avaliamos o desempenho das atividades produtivas no ano agrícola 1995/96, e comprovamos excelentes resultados", diz. "A Universidade realiza trabalho de campo e nós recebemos acompanhamento de docentes de alta qualidade. Assim, os dois lados levam vantagem", explica Tânia Andrade, coordenadora do Itesp.

Usado pela primeira vez no contexto da reforma agrária venezuelana, em 1960, o termo "assentamento" se difundiu por toda a América Latina. Ele define a criação de novas unidades de produção por meio de políticas governamentais visando o reordenamento do uso da terra, em benefício de trabalhadores rurais sem ou com pouca terra. "Nesse contexto, o convênio Fundunesp/Itesp propicia o encontro da Universidade com a questão agrária e contribui para reduzir preconceitos contra a reforma agrária até mesmo dentro da academia. Ao mesmo tempo, viabiliza a elevação dos assentados rurais à condição de cidadãos", conclui Cory.

Oscar D'Ambrosio

## O papel da Universidade

**A**pós a cerimônia de assinatura do decreto que busca solucionar a questão agrária no Estado de São Paulo, o governador Mário Covas destacou o papel da UNESP junto aos assentamentos. "As ações de educação da UNESP têm sido fundamentais para que o agricultor encontre o caminho do desenvolvimento sustentado", disse. "E a sua atuação é tão mais importante quando se lembra que não se restringe apenas à região do Pontal do Paranapanema, mas se faz presente em todo o Estado."

Belisário dos Santos Júnior, Secretário da Justiça e da Defesa da Cidadania, também enfatizou, na cerimônia, a relevância dos cursos realizados pela UNESP nos assentamentos. "A Universidade percebeu a impor-



Jungmann, Covas e Belisário: exercício do saber

tância de trazer o saber para o exercício diário da cidadania", declarou. Ressaltou ainda o desejo do Estado de arrecadar rapidamente novas áreas para assentamento. "A terra deve ser semeada com suor, não com sangue. Para isso, são necessárias medidas concretas, como o decreto assinado hoje", enfatizou.

(O.D.)

## O pesquisador do Pontal

**D**evido a seus estudos sobre aspectos geográficos e humanos do Pontal do Paranapanema, José Ferrari Leite, professor aposentado do Departamento de Geografia da FCT, recebeu, em 1º de agosto, o título de Cidadão Prudentino em sessão solene na Câmara Municipal. Mineiro de Virgínia, o geógrafo bacharelou-se no Rio de Janeiro e foi, em 1964, para Presidente Prudente lecionar na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, hoje UNESP. O prefeito local, Mauro Bragato, ex-aluno de Leite, ressaltou o valor das idéias do docente para a região. "São essenciais para o atual pro-

cesso de reforma agrária", disse.

O marco da carreira de Leite foi sua tese de livre-docência *A ocupação do Pontal do Paranapanema* (1983), defendida na FCT, onde lecionou até se aposentar, após um derrame cerebral sofrido em 1992. O geógrafo Alvanir de Figueiredo, diretor da FCT, declarou que os estudos do docente foram essenciais para a integração entre a Universidade e o meio. "O pensamento expresso em seus trabalhos merece ser mais conhecido", ressaltou. "É obra de referência obrigatória para quem for estudar as questões fundiárias do Pontal."



Cidadão Leite: idéias essenciais

(O.D.)



# Xaxim por coxim, rima e solução.

**Cascas de coco prensadas, chamadas coxim, ajudam a preservação do xaxim, em vias de extinção.**

**A** engenheira agrônoma Maria Esmeralda Soares Payão Demattê, do Departamento de Horticultura da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, câmpus de Jaboticabal, está matando dois coelhos com uma cajadada só. Preocupada com a extinção do xaxim, Esmeralda iniciou pesquisas para encontrar um substituto para esse substrato e acabou, por tabela, apontando alternativas para evitar o fim de espécies de orquídeas epífitas (plantas que vivem sobre um outro vegetal sem retirar seiva, mas apenas apoiando-se nele), que também correm o risco de desaparecimento.

Esse trabalho resultou em sua tese de livre docência em Produção e Utilização de Plantas Ornamentais intitulada *Substratos vegetais para cultivo de orquídeas epífitas*, defendida e aprovada com distinção e louvor em 1992. Depois dessa pesquisa, Esmeralda constatou que, no Brasil, o xaxim tem sido explorado em prejuízo da flora da Serra do Mar e vem sendo extraído em grande quantidade de espécies que não são cultivadas em escala significativa e que apresentam crescimento muito lento. "O xaxim verdadeiro, *Dicksonia sellowiana*, já é difícil de ser encontrado e, por isso, atualmente, faz-se extração de outras espécies, principalmente de *Cyathea spp*", explica Esmeralda.

## ALTERNATIVAS

O xaxim é o substrato preferido para cultivar orquídeas epífitas. Esse cultivo é importante, porque, de acordo com a Convenção sobre Comércio Internacional de Espécies da Flora e Fauna Selvagem em Perigo de Extinção, concluída em Washington em 3 de março de 1973, as espécies



S.O.S  
Esmeralda com epífitas no coxim: alternativas para salvar o xaxim

es do gênero Orchidaceae em estado silvestre também estão ameaçadas de desaparecer por causa, principalmente, da destruição de seus habitats.

Com o objetivo de encontrar materiais alternativos ao xaxim no cultivo de orquídeas epífitas, Esmeralda comparou blocos de casca de coco prensada (*Cocos nucifera* L.), comercialmente chamados coxim, casca triturada de *Eucalyptus grandis*, misturas desses materiais entre si e com carvão vegetal. Em todos os casos, a pesquisadora

usou o xaxim como parâmetro. De todos, o que melhor se saiu foi o coxim. De acordo com a engenheira agrônoma, ele tem aparência semelhante ao xaxim, facilidade de manuseio, boa aeração e drenagem, grande capacidade de retenção de umidade, durabilidade, pH adequado e composição ideal de nutrientes.

O coxim também apresentou algumas desvantagens: tem densidade maior, o que encarece seu transporte e torna os vasos preenchidos com este substrato mais pesa-

dos. Além disso, retém pouca umidade quando novo, o que tornaria necessário imergi-lo em água durante algum tempo antes de sua utilização, apresenta concentração inicial de nutrientes muito alta, que pode ser desfavorável à orquídea, e é ainda um material relativamente caro e de disponibilidade restrita. "Mas prosseguimos nessa linha de pesquisa", explica Esmeralda. "Vamos procurar alternativas cada vez melhores."

Evanildo da Silveira

# A acerola não é mais a mesma

**Pesquisa tenta recuperar antigas propriedades da fruta, como o teor de vitamina C.**

**I**ntroduzida no Brasil, mais precisamente em Pernambuco, na década de 50, a acerola, uma frutinha do tamanho de uma bola de gude, oriunda das Antilhas, com alto teor de vitamina, espalhou-se pelo Brasil a partir dos anos 80. Hoje, é comum em todo o País, mas já não tem as mesmas propriedades de antes. Os novos pomares foram plantados de forma indiscriminada, o que levou à degeneração da fruta. Há muita disparidade de um pé de acerola para outro. O teor de vitamina, a coloração do fruto, a conformação das árvores podem ser muito diferentes. Para corrigir isso, o professor Antônio Geraldo Baldo, do Departamento de Horticultura da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, câmpus de Jaboticabal, desenvolve um trabalho de seleção de mudas e melhoramento da espécie.

Para tanto, Baldo e sua equipe visitaram 17 pomares no interior de São Paulo. "Selecionamos as melhores árvores para servir como matrizes", conta o pesquisador. "Levamos em conta o formato da copa, a produtividade, a coloração do fruto e seu teor de vitamina C." Os frutos das melhores árvores encontradas apresentaram um teor de 1.500 miligramas de vitamina C para cada 100 gramas de polpa. O objetivo é desenvolver plantas cujos frutos tenham um teor de 2.500 a 2.800 miligramas de vitamina C por 100 gramas de polpa. Em comparação, a laranja tem míseros 40 miligramas de vitamina C para cada 100 gramas de suco.



COLHEITA  
Baldo: fruta no pé resiste apenas dois dias depois de madura

## PRIMAVERA, VERÃO

O trabalho foi feito com o recolhimento de ramos de ponta da planta, com 15 a 20 centímetros de comprimento. Esses ramos servem para fazer *estacas*, processo que dispensa as sementes para fazer mudas. Na verdade, é uma clonagem. Os ramos, depois de cortados, são enterrados em um substrato (normalmente, terra) e mantidos em ambiente úmido, o que favorece o enraizamento. Isso acontece entre 40 e 50 dias. Até o plantio, são cerca de mais dois meses. Com esse método, o tempo de produção reduz-se à metade. Antes do trabalho de Baldo, uma árvore começava a produzir com a idade entre um ano e meio e três anos. Agora, esse tempo foi reduzido para cerca de oito meses a um ano.

O trabalho do pesquisador da UNESP tem



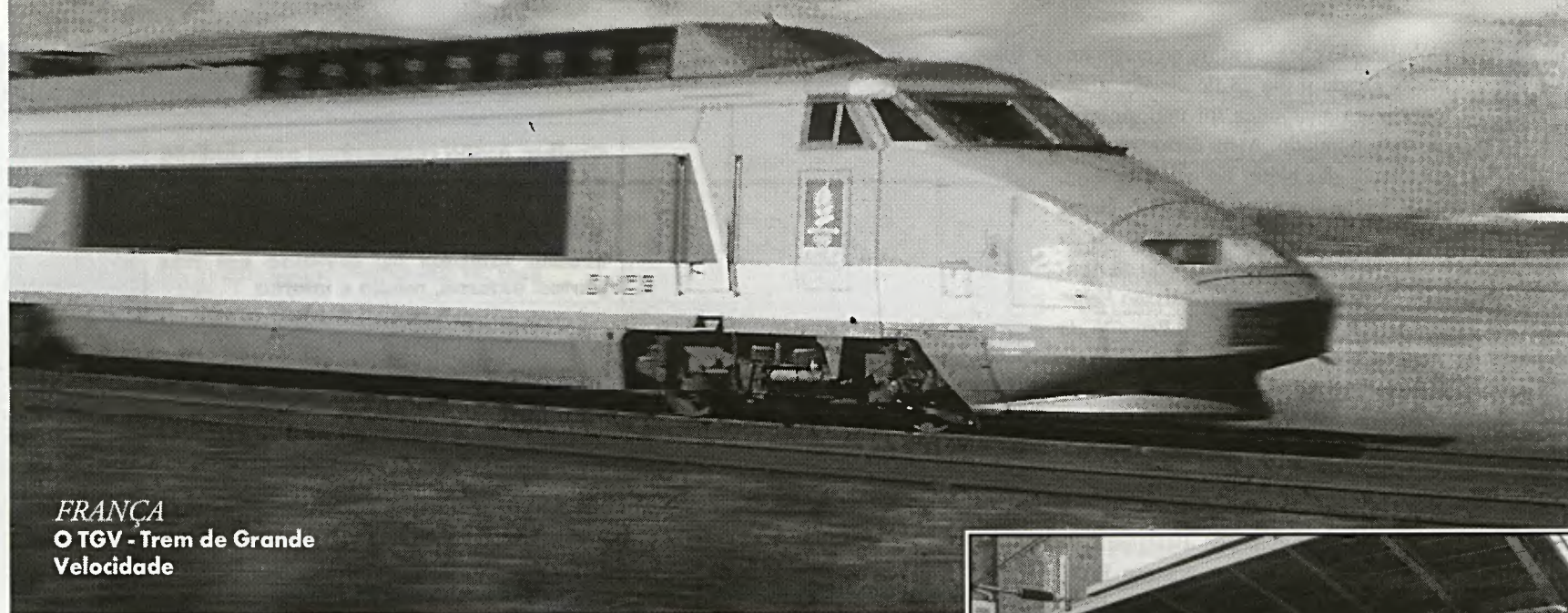
por objetivo ajudar os produtores comerciais. Por isso, ele recomenda aos interessados em fazer mudas que o estaqueamento seja feito na primavera ou no verão, evitando a grande oscilação de temperatura de outras épocas. Assim, se o estaqueamento for feito em setembro, por exemplo, o plantio acontecerá em janeiro, quando as chuvas e a temperatura são mais regulares, dispensando a irrigação. Além disso, é aconselhável que os produtores recor-

ram a viveiristas ao invés de produzir as próprias mudas. "A boa qualidade das mudas é imprescindível, sobretudo quando o plantio for feito em escala comercial", alerta Baldo. Também não se pode esquecer que a produção de acerola exige muita dedicação e trabalho. "A colheita deve ser feita quase diariamente", explica Baldo. "A fruta resiste no pé apenas dois dias depois de madura."

(E.S.)

# Trem-bala na agulha

Pesquisadores desenvolvem a tecnologia da indução linear, a alma dos trens de alta velocidade.



FRANÇA  
O TGV - Trem de Grande Velocidade

Keystone

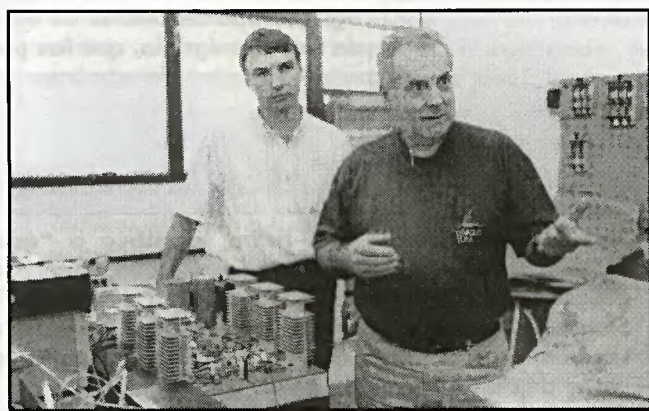
**A**lém de pontualidade, conforto e eficiência, os famosos trem-bala do Japão primam pela velocidade. Modelos mais modernos ultrapassam, sem esforço, os 300 quilômetros por hora. Uma equipe de três professores, ligados ao Departamento de Engenharia Elétrica da Faculdade de Engenharia e Tecnologia (FET), câmpus da UNESP de Bauru, desenvolve, desde 1988, pesquisas para a viabilização do trem-bala brasileiro. Seria uma verdadeira revolução no obsoleto sistema ferroviário nacional, que poderia, assim, concorrer com maior cacife com outros meios de transporte, notadamente com o rodoviário.

Os estudos dos professores de Bauru se baseiam na aquisição da técnica e da tecnologia do motor linear elétrico, por enquanto uma exclusividade de canadenses, alemães e americanos, além, é claro, dos japoneses. O equipamento tem inúmeras vantagens, sendo a principal delas a de possibilitar o aumento da velocidade de trens ou metrô. Mas as máquinas de indução lineares, como são chamadas, não se limitam a estes meios de transporte. Podem ser utilizadas também pela indústria de portões elétricos, de máquinas-ferramenta, de elevadores, enfim, de tudo o que se relaciona a métodos de locomoção de pequenos e grandes percursos. Graças ao sistema linear, é possível, por exemplo, fazer com que os elevadores trabalhem tanto na vertical como na horizontal.

"Este é um dos conceitos mais avançados do mundo, em termos de transporte", atesta o engenheiro Gilio Aluísio Simone, professor aposentado da FET, mas que ainda atua como colaborador nas pesquisas. Com ele trabalham os professores Renato Crivellari Creppe e Paulo José Amaral Serni. "Com a aquisição desta tecnologia, poderemos elaborar projetos e obter a capacidade de acompanhar a montagem de máquinas lineares", afirma Simone. "Seria cômodo importá-la, mas é muito mais barato desenvolvê-la."

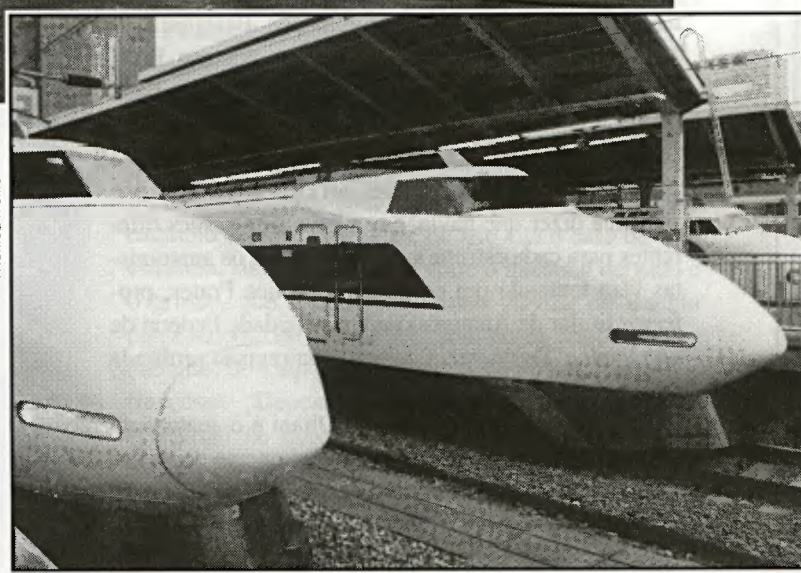
## CAMPOMAGNÉTICO

Ao contrário do que acontece, por exemplo, nos trens, a técnica de indução linear faz com que a energia necessária para a movimentação de uma composição seja desenvolvida em uma parte plana, e não em um rotor, que torna muito limitado o trabalho da má-



VELOCIDADE  
Creppe e Simone: Bauru a São Paulo em duas horas

Monica Richier



SONHO BRASILEIRO  
Dois exemplares do trem-bala japonês: conceito avançado

Waltair Martão

quina. No novo sistema, baseado num conjunto de enrolamentos, placas de ferro e alumínio e outras peças (veja quadro), é possível criar um campo magnético que, dependendo de seu desenvolvimento, permite que sejam atingidas velocidades bem superiores às de trens convencionais.

Montar uma ferrovia ou metrovia com o sistema de motor linear é mais barato do que com o sistema convencional. O problema é que, no Brasil, onde já existem estes dois tipos de transportes, a sinuosidade do traçado e a precariedade dos trilhos são muito gran-

des e as adaptações necessárias exigirão altos investimentos. Esta, no entanto, é sua única desvantagem. "A manutenção e a construção são mais simples e a durabilidade, maior", explica Gilio Simone. "Além disso, o equipamento a ser acoplado aos vagões é menor que o convencional, representando uma economia de espaço para a construção de estações, túneis e plataformas férreas", acrescenta Renato Creppe.

## RECEPTIVIDADE

Segundo o professor Simone, a certeza de

que esta tecnologia traz lucros ainda não é compartilhada pelos empresários brasileiros. Por enquanto, de acordo com as impressões colhidas em feiras tecnológicas, onde os protótipos são apresentados, eles parecem pouco receptivos a esta tecnologia. "Quando nossos estudos estiverem bem desenvolvidos e pudermos mostrar com mais dados as vantagens do novo sistema, eles certamente vão mudar de idéia", acrescenta o especialista. "Um trem que se locomovesse a 200 quilômetros por hora diminuiria pela metade o tempo de uma viagem de Bauru à Capital, que costuma levar até quatro horas por estrada", comenta Creppe. Para se ter uma idéia do ganho de tempo, o metrô de São Paulo costuma atingir a velocidade máxima de 70 quilômetros por hora.

O grupo da FET não é o único no Brasil a colocar seus neurônios a serviço da indução linear. Pesquisas semelhantes também têm sido desenvolvidas na Universidade de Uberlândia (MG) e no Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), em São Paulo. Em Bauru, porém, os estudos estão mais adiantados. "Só não finalizamos ainda nosso trabalho pela carência de recursos financeiros, necessários para a construção de um laboratório próprio para o desenvolvimento do motor", diz o professor Creppe. O grupo, que tem contado com recursos da faculdade e se serve de um laboratório adaptado para seus estudos, já produziu, por conta deste trabalho, duas teses de doutorado e três dissertações de mestrado, além de seis protótipos do equipamento, com características diferentes, a serem adaptados em casos específicos.

Waltair Martão

## Cada vagão, uma locomotiva.

**O**s motores lineares se diferenciam dos modelos convencionais basicamente por desenvolverem força em uma parte plana, não em um rotor. O sistema rotor é comumente utilizado para produzir torque no motor. Para altas velocidades, o motor deve também ficar em alta velocidade. No motor elétrico linear, ao contrário, a máquina anda sobre o efeito de um campo magnético, gerado a partir de um enrolamento de cobre, que possibilita o alcance de velocidades bem maiores. Nos trens e metrô, isso é feito por um indutor colocado sob os vagões. Entre os dois trilhos é instalada uma placa de reação, chamada linor, feita de alumínio ou de uma combinação deste material com ferro. É este linor que funciona como placa de reação da máquina linear.

Graças à corrente elétrica, forma-se um poderoso campo magnético no espaço entre o indutor e o linor. Todo este sistema eletromagnético acaba fazendo com que o linor seja, então, forçado para trás. Como as linhas férreas estão fixadas no solo, o vagão do trem, se este for o caso, acaba se movimentando. Percebe-se, com isso, que cada vagão se transforma em uma locomotiva, promovendo um ganho considerável de velocidade. A empresa responsável pela composição, no transporte de passageiros ou no de carga, pode colocar o número de vagões necessários para determinada viagem. "Além do ganho em velocidade, o sistema linear traz maior conforto ao usuário", comenta o professor Gilio Simone.

(W.M.)



# O CORPO RENOMEADO

Cerca de mil dos seis mil nomes das partes do corpo humano têm, desde o mês passado, nova designação. Amígdala, por exemplo, agora é tonsila, cotovelo passou a se chamar cúbito e patela é o novo nome da velha rótula.

EVANILDO DA SILVEIRA

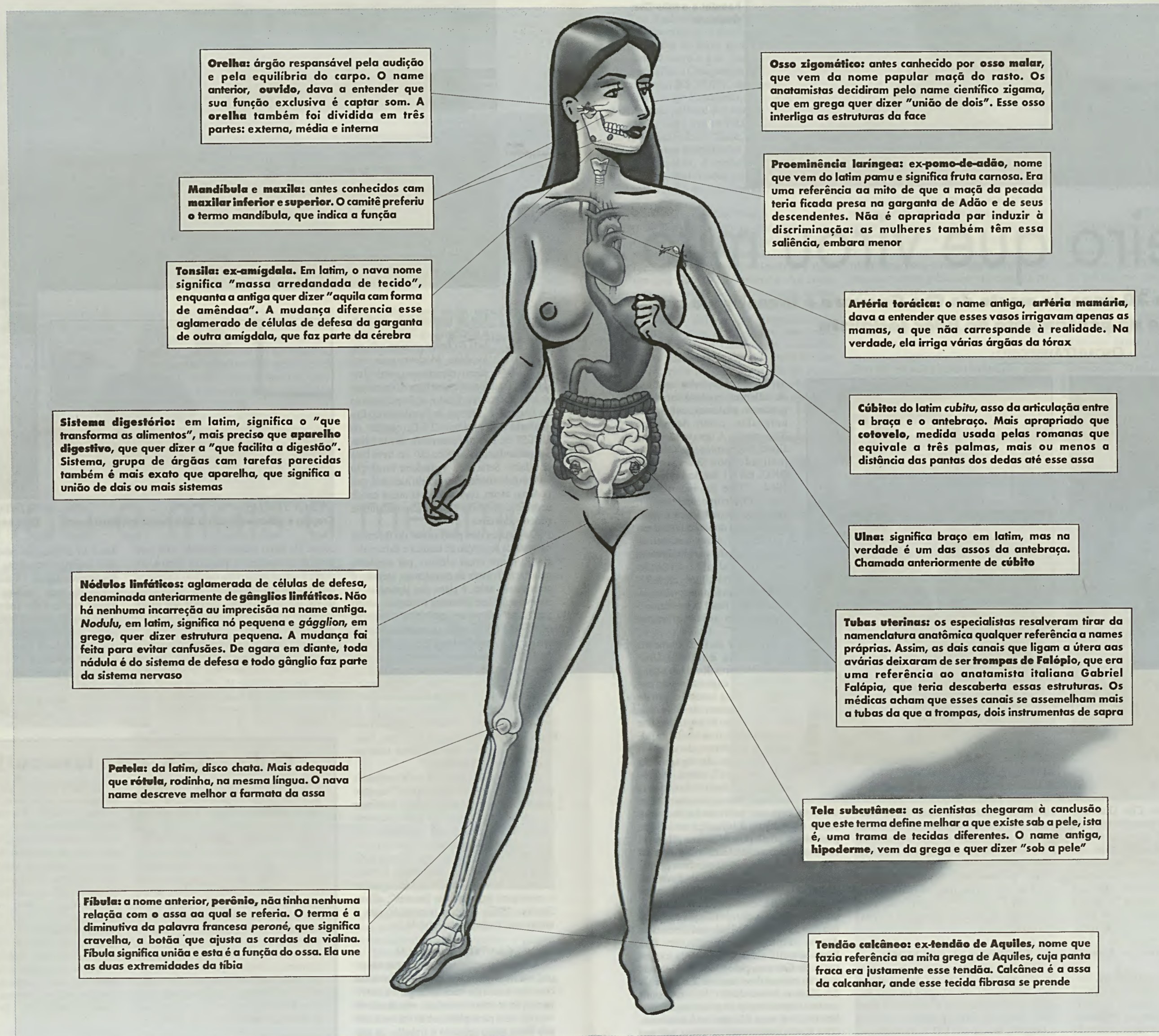
A globalização chega, enfim, ao corpo humano. Desde o dia 28 de agosto, a nomenclatura anatômica foi uniformizada em todo o mundo. Além disso, cerca de mil dos seis mil nomes das partes do corpo humano mudaram e outros tantos foram oficializados. Nessa data ocorreu, em São Paulo, o Lançamento oficial da nova terminologia anatômica: a globalização da Anatomia, como parte da 13ª Reunião da Comissão Federativa da Terminologia Anatômica e da Reunião da Diretoria da Federação Internacional das Associações de Anatomistas.

O objetivo das alterações, os anatomistas explicam, é a maior precisão científica nos nomes e a universalização da nomenclatura. Esse último aspecto, principalmente, sempre foi um problema para os médicos. O presidente da Sociedade Brasileira de Anatomia, José Carlos Prates, lembra que em 1895, quando foi lançada a terceira *Nomina Anatomica* (lista com a nomenclatura oficial) da história, em Basileia, havia 5 mil estruturas descritas no corpo humano e nada menos que 50 mil nomes em circulação — o que significa dizer que havia, em média, dez nomes diferentes para cada estrutura. “Desde então, os anatomistas vêm tentando um consenso”, explica Prates, professor titular de Anatomia da Universidade Federal de São Paulo. “Esta vez, fizemos uma revisão profunda com a intenção de padronizar.”

A embriologista Sonia Maria Oliani e o anatomista Cláudio de Oliveira, ambos do Departamento de Biologia do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), da UNESP, câmpus de São José do Rio Preto, destacam outras questões que justificam a necessidade de mudança e a universalização da nomenclatura. “Vários autores de livros didáticos do 1º grau, principalmente na 7ª série, e até no ensino superior, passando pelo 2º grau, empregam nomes inadequados ou então aplicam-nos sem qualquer critério”, explica Sonia. “Além disso, na classe médica e em outras categorias afins, cujos profissionais lidam diretamente com o público leigo, é normal, para facilitar a conversa ou consulta, o emprego de nomes não recomendados, o que facilita a sua perpetuação.”

Além da padronização e da universalização da nomenclatura de partes já conhecidas, era preciso descrever e dar nomes aos novos componentes do corpo humano. Uma parte significativa da *Nomina Anatomica* que foi publicada diz respeito às artérias cerebrais e à descrição detalhada do sistema nervoso, alvo de pesquisas recentes. O grande avanço dos estudos da imunologia nas últimas décadas desembocou na criação de um novo termo: sistema imunitário.

Os novos nomes foram propostos por uma comissão de 21 cientistas de 18 países dos cinco continentes, entre os quais dois do Brasil, o seu secretário-geral, Liberato Di Dio, professor de Anatomia da Universidade de Santo Amaro, e José Carlos Prates. A comissão reuniu-se 12 vezes, desde julho de 1996, para discutir os nomes sugeridos por anatomistas do mundo inteiro, mas o processo começou bem antes. Mais precisamente, em 1989, quando terminou o mandato de Di Dio na presidência da Federação Internacional das Associações de Anatomistas. “No meu discurso de despedida, fiz um apelo para que a Assembléia Geral da Federação resolvesse de uma vez por todas o problema da nomenclatura anatômica”, explica Di Dio. “A idéia foi aceita e elegeu-se uma comissão. Aproveitou-se o que havia de bom na nomenclatura e elaborou-se uma lista, que foi distribuída a todos os anatomistas do mundo para que eles acrescentassem sugestões.”



**Orelha:** órgão responsável pela audição e pela equilibria do corpo. O nome anterior, ouvido, dava a entender que sua função exclusiva é captar som. A orelha também foi dividida em três partes: externa, média e interna

**Mandíbula e maxila:** antes conhecidos com maxilar inferior e superior. O comitê preferiu o termo mandíbula, que indica a função

**Tonsila: ex-amígdala.** Em latim, o novo nome significa “massa arredondada de tecido”, enquanto a antiga quer dizer “aquila com forma de amêndoa”. A mudança diferencia esse aglomerado de células de defesa da garganta de outra amígdala, que faz parte da cérebro

**Sistema digestório:** em latim, significa o “que transforma os alimentos”, mais preciso que aparelho digestivo, que quer dizer a “que facilita a digestão”. Sistema, grupo de órgãos com tarefas parecidas também é mais exato que aparelho, que significa a união de dois ou mais sistemas

**Nódulos linfáticos:** aglomerada de células de defesa, denominada anteriormente de gânglios linfáticos. Não há nenhuma incorreção ou imprecisão na nome antiga. Nodulus, em latim, significa nó pequena e gágglion, em grego, quer dizer estrutura pequena. A mudança foi feita para evitar confusões. De agora em diante, toda nódula é do sistema de defesa e todo gânglio faz parte do sistema nervoso

**Patela:** da latim, disco chata. Mais adequada que rótula, rodinha, na mesma língua. O novo nome descreve melhor a farmata da assa

**Fíbula:** a nome anterior, perônio, não tinha nenhuma relação com o assa ao qual se referia. O termo é a diminutiva da palavra francesa peroné, que significa cravelha, a botã que ajusta as cordas da violina. Fíbula significa união e esta é a função do ossa. Ela une as duas extremidades da tibia

**Ossos zigomáticos:** antes conhecido por osso malar, que vem do nome popular maçã do rosto. Os anatomistas decidiram pelo nome científico zigama, que em grega quer dizer “união de dois”. Esse osso interliga as estruturas da face

**Proeminência laríngea: ex-pomo-de-adão,** nome que vem do latim poma e significa fruta carnosa. Era uma referência ao mito de que a maçã da pecado teria ficado presa na garganta de Adão e de seus descendentes. Não é apropriada por induzir à discriminação: as mulheres também têm essa saliência, embora menor

**Artéria torácica:** o nome antigo, artéria mamária, dava a entender que esses vasos irrigavam apenas as mamas, a que não corresponde à realidade. Na verdade, ela irriga várias órgãos da tórax

**Cúbito:** do latim cubitus, asso da articulação entre a braço e o antebraço. Mais apropriado que cotovelo, medida usada pelas romanas que equivale a três palmas, mais ou menos a distância das pantas dos dedos até esse assa

**Úlna:** significa braço em latim, mas na verdade é um das ossos do antebraço. Chamada anteriormente de cúbito

**Tubas uterinas:** os especialistas resolveram tirar da nomenclatura anatômica qualquer referência a nomes próprias. Assim, as duas canais que ligam a útera aos ovários deixaram de ser trompas de Falópio, que era uma referência ao anatomista italiano Gabriel Falápio, que teria descoberto essas estruturas. Os médicos acham que esses canais se assemelham mais a tubas da que a trompas, dois instrumentos de sapra

**Tela subcutânea:** as cientistas chegaram à conclusão que este termo define melhor a que existe sob a pele, isto é, uma trama de tecidos diferentes. O nome antigo, hipoderme, vem da grega e quer dizer “sob a pele”

**Tendão calcâneo:** ex-tendão de Aquiles, nome que fazia referência ao mito grega de Aquiles, cuja panta fraca era justamente esse tendão. Calcânea é a assa da calcanhar, onde esse tecido fibroso se prende

A preocupação em nomear as diferentes partes do corpo não é nova. Papiros egípcios datados de 3.000 anos antes de Cristo já continham informações sobre a anatomia da cabeça e do cérebro. O primeiro anatomista digno desse nome foi Hipócrates (460 e 355 a.C.), o pai da Medicina, pioneiro na observação sistemática do corpo humano. Mas foi a partir do primeiro século da Era Cristã que anatomistas como Galeno de Pérgamo (c.130-c.200) começaram a sistematizar a nomenclatura anatômica. Alguns séculos depois, na Idade Média, outros anatomistas, como Andreas Vesalius (1514-1564) e Leonardo da Vinci (1452-1591), passaram a corrigir imprecisões e a preencher lacunas. Vesalius publicou o livro *De humani corporis fabrica libri septem* (Sete livros sobre a estrutura do corpo humano), que se transformou em leitura obrigatória para os anatomistas do século XVI.

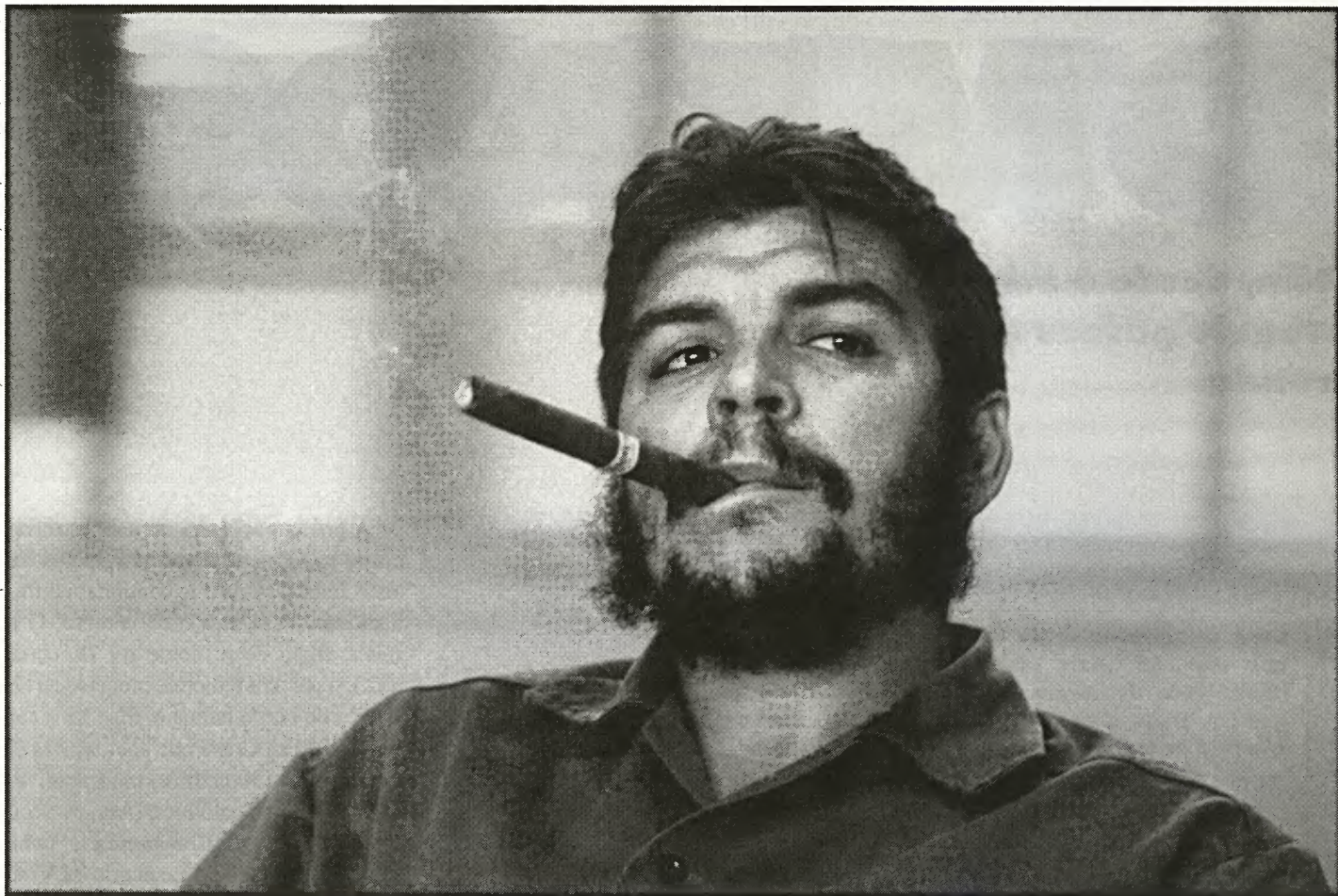
Até o século passado, os trabalhos científicos eram escritos em latim. A nova nomenclatura tem duas línguas oficiais, latim e inglês. Também foram eliminados os epônimos, termos que levam o nome do cientista que primeiro descreveu determinado órgão. Só para dar um exemplo dessas patriotadas, Di Dio cita o caso de uma estrutura, situada na ligação entre o intestino delgado e o grosso, que é conhecida como válvula de Bauhin pelos suíços, válvula de Achillini ou de Varolio pelos italianos, de Tulp pelos holandeses e de Rondelet pelos franceses. “Depois de estudar a estrutura cheguei à conclusão de que, na verdade, nem válvula ela é”, explica Di Dio. “Trata-se de uma papila, como os mamilos. Por isso, sugeri que seu nome fosse trocado para papila ileal, porque fica no fleo. A sugestão foi aceita.” Se os tempos fossem outros, talvez a fosse batizada como papila de Di Dio.

De 1887, quando foi publicada a primeira *Nomina Anatomica*, em Leipzig, Alemanha, até hoje, ela foi revisada, ampliada e modificada quatro vezes. A segunda lista de nomes é a de Basileia, de 1895. Em 1953, foi publicada a *Nomina Anatomica* de Birmingham, Inglaterra, e, em 1955, a de Paris. Depois do encontro no Brasil, a nova *Nomina Anatomica* deverá ficar conhecida como Terminologia Anatômica de São Paulo.

A nova terminologia deverá ser adotada por profissionais e seguida em publicações da área médica e em livros escolares. “A adoção dos novos nomes não é obrigatória”, ressalva Di Dio. “Mas será muito difícil alguém ignorá-los, até porque grande parte deles já vêm sendo usados em cursos de anatomia.” No Departamento de Anatomia do Instituto de Biociências da UNESP, câmpus de Botucatu, por exemplo, vários desses termos já fazem parte do vocabulário usado em sala de aula e laboratórios. Seu diretor, o anatomista Progresso José Garcia, no entanto, admite que a reunião do dia 28 trouxe alterações de nomenclatura ainda não conhecidas pela maioria dos profissionais de anatomia. “Além disso, acredito que as alterações que vêm sendo divulgadas pela imprensa possam ser novidade também para os livros didáticos utilizados nos cursos básico e secundário, que utilizam, muitas vezes, nomenclatura ultrapassada”, diz.

Por mais que cientistas, médicos e acadêmicos adotem a nova terminologia, nos consultórios, laboratórios e compêndios, tudo indica que vai levar muito tempo, ainda, para que os leigos, pessoas comuns, se lembrem de que agora têm dor de cúbito, não de cotovelo, têm tonsila, não amígdala, inflamada, e que esforços exagerados podem comprometer tanto a patela quanto o tendão calcâneo, antes conhecidos como rótula e tendão de Aquiles.

Reprodução do livro *In Our Time*/ Guevara em Havana, Cuba, 1963. Foto de René Burri



**PERFIL**  
O militante, o teórico, o herói carismático, o homem e o mito Che Guevara

# O guerrilheiro que virou mito

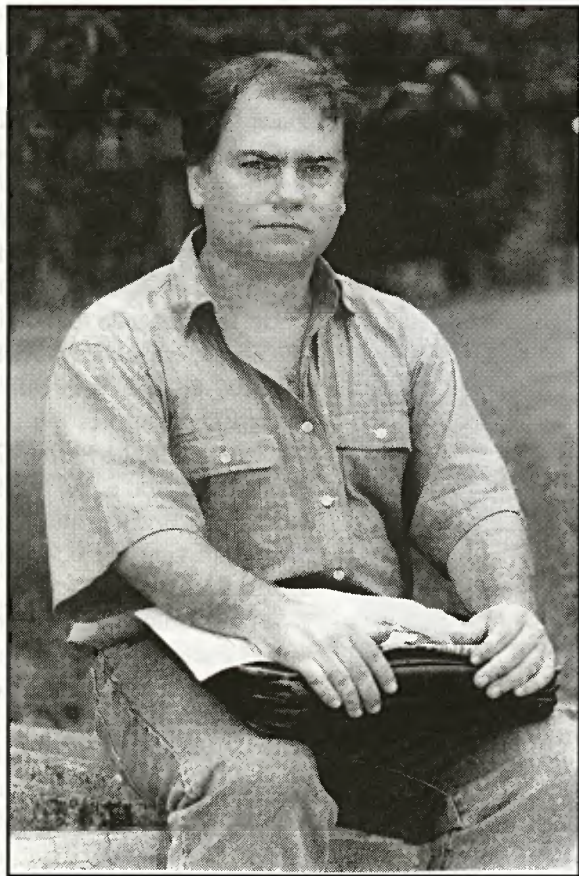
**Colóquio internacional lembra os 30 anos da morte de Che Guevara e investiga o que permanece vivo no pensamento do líder socialista**

OSCAR D'AMBROSIO

**F**ábulas, lendas, mitos e heróis existem para suprir nossas deficiências psicológicas. Realizam o aparentemente impossível, defendem ideais elevados e morrem em nome deles. Passam, então, a integrar a galeria daqueles que, acima do bem e do mal, alimentam o imaginário popular e se tornam produtos de consumo. Che Guevara, morto há 30 anos, corresponde a esse perfil. Nascido numa família de classe média argentina, formou-se médico, abandonou o país e liderou movimentos de guerrilha na América Latina e África. Capturado e brutalmente assassinado enquanto organizava uma ação revolucionária na Bolívia, teve seu corpo exposto, fotografado e filmado. Mesmo morto, parecia contemplar a todos por trás de um doce sorriso irônico. A imagem marcou uma geração e contribuiu para que Che fosse alçado à posição de herói da juventude dos anos 60.

Três décadas depois da sua morte, o que permanece vivo e o que envelheceu no pensamento e na mística do líder guerrilheiro? Para responder a essa e a outras questões, a UNESP e a Unicamp estão promovendo o "Colóquio Internacional Ernesto Che Guevara: presença e permanência", a ser realizado entre 6 e 10 de outubro, em cinco cidades (veja quadro). "O impacto da mística de Guevara não só foi muito forte nos movimentos de protesto que agitaram o mundo na década de 60, como ainda continua de pé", avalia o historiador Héctor Luis Saint-Pierre, da Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FDHSS) do campus de Franca, um dos organizadores do evento.

O objetivo do evento é redimensionar o militante, o teórico, o herói carismáti-

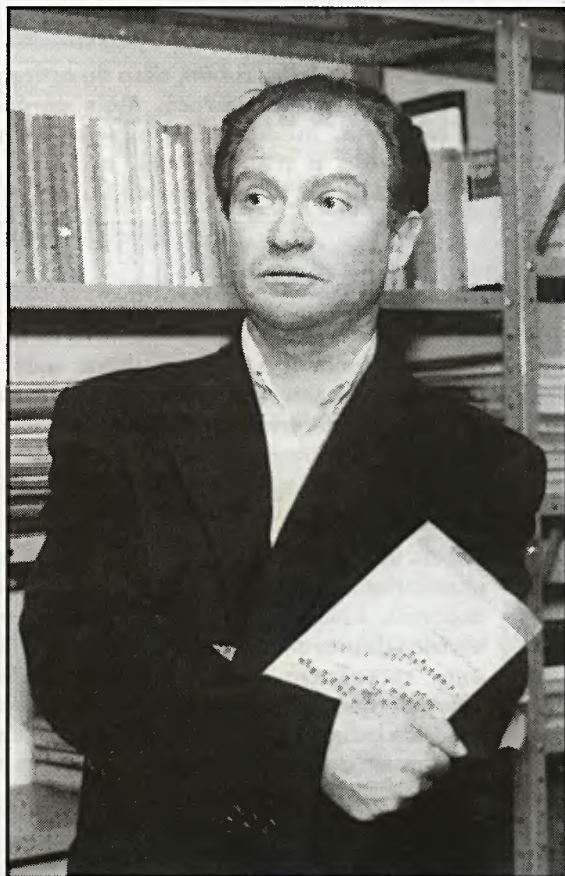


Sérgio Amaral

**ESTRATÉGIA**  
Ayerbe: guevarismo e guerra fria

co, o homem e o mito Che Guevara. "Analisaremos ainda a situação atual da guerrilha no continente americano, tentando compreender o significado de sua reaparição, seu novo perfil ideológico, sua concepção estratégica e inovações táticas", informa Saint-Pierre, que fará uma conferência sobre o tema "A guerra de guerrilha: de Clausewitz a Che Guevara". "Lembrar Che é discutir a influência estratégica da sua teoria nos movimentos armados da América Latina", diz.

O cientista político João Carlos Kfourri Quartim de Moraes, diretor do Centro de Estudos Marxistas (Cemarx) do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp e co-organizador do



Fotos: Monica Richier

**MÍSTICA**  
Del Royo: "Guevara não é Jesus"

colóquio, revela que a atual "febre Guevara" que assola o mundo, de certa maneira, o surpreende. Avalia o fenômeno como mais um prova de como o capitalismo pode transformar tudo em mercadoria. "Recentemente foram publicadas cerca de três mil páginas sobre o assunto, no Brasil. O motivo?", ele pergunta, para responder em seguida: "Simples: Guevara vende."

**PRODUTO DE CONSUMO**

Os eventos programados para lembrar os 30 anos sem Guevara se espalham pelo mundo. O sociólogo Marcelo Ridenti, da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) do campus de Araraquara, destaca o lançamento de um CD comemorativo

na França que inclui músicas de célebres compositores argentinos, chilenos, cubanos e uruguaios, como Atahualpa Yupanqui. A gravação traz ainda fragmentos de discurso realizado por Guevara, na ONU, em 11 de dezembro de 1964. "Che foi incorporado pela mídia como um produto qualquer. Com a intensa mercantilização de sua imagem em camisetas e outros *souvenirs*, sua mensagem revolucionária perde o sentido. O líder ganha o *status* de mito", observa Ridenti, que, no encontro, discutirá sobre o tema "Guevara e o romantismo revolucionário nos anos 60".

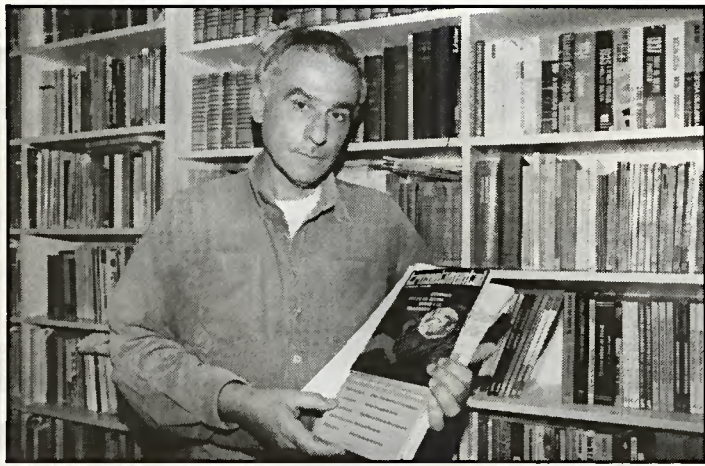
Professor do Departamento de Filosofia do IFCH/Unicamp, Roberto Romano, também um dos expositores do colóquio, recusa a mitificação de Guevara promovida pela mídia. "Esse tipo de postura retira do guerrilheiro seu caráter político e histórico, deixando-o fora do tempo, do espaço e da vida cotidiana", alerta. O filósofo prefere analisá-lo enquanto uma pessoa comum. "Ele

traduziu, com suas palavras e ações, uma forma de combate à injustiça social que permanece atual, pois os países sul-americanos pouco se modernizaram rumo a uma real democracia." O cientista político Marcos Tadeu Del Royo, da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) do campus de Marília, concorda com Romano quanto aos riscos da mitificação do guerrilheiro. "A adoração dificulta uma abordagem científico-política", diz. Del Royo acredita ainda que a ampla exploração de Guevara pelos meios de comunicação não se deve apenas à efeméride dos 30 anos de sua morte. "Insere-se num contexto mais amplo de pesquisa sobre a história dos anos 60, que está sendo escrita agora, com distanciamento, sob um



enfoque mais racional.”

Quanto à literatura a respeito de Guevara, o mercado nacional vive um momento de agitação. Entre os diversos títulos lançados, dois são destacados pelos participantes do evento. Um é *Che Guevara: uma biografia* (Editora Objetiva; 924 páginas; R\$ 49,50), do jornalista norte-americano John



**CAPITALISMO**  
Quartim de Moraes: “Guevara vende”

Lee Anderson, relato detalhado da vida de Che com informações até então inéditas, além de fotos nunca antes publicadas. O outro é *Che Guevara: a vida em vermelho* (Companhia das Letras; 536 páginas; R\$ 35,00), do sociólogo mexicano Jorge Castañeda, que traça um panorama político dos anos 60, selecionando os fatos que se relacionam à vida do revolucionário. “Este último livro, por ser de um pesquisador e de um militante de esquerda, é melhor fundamentado”, avalia o historiador Luís Ayerbe, do Departamento de Economia da FCL.

**IDEOLOGIA**

A descoberta recente dos restos mortais de Che Guevara, em junho passado, na Bolívia, acabou trazendo às comemorações programadas para lembrar a data um dado novo e imprevisto. As cruas imagens das escavações dos seus restos mortais e seu funeral, promovido, semanas depois, pelo antigo companheiro de Sierra Maestra, Fidel Castro, em Cuba, trouxeram ainda mais à tona a mística sobre Guevara. “Tentar torná-lo um novo Jesus ou São Francisco de Assis não é positivo para a história, pois dificulta uma avaliação objetiva do que ele e seu pensamento representam”, afirma Del Royo.

Nascido em Rosário, Argentina, em 1928, e morto na região de Vale Grande, Bolívia, Ernesto Guevara de la Serna (Che), filho de um arquiteto, formou-se em Medicina e, logo em seguida, foi para a Guatemala apoiar o governo revolucionário de Jacobo Arbens. Com a queda deste, fugiu para o México, onde conheceu os irmãos cubanos Raúl e Fidel Castro. Iniciou então uma aventura revolucionária que atingiu o ápice com a entrada vitoriosa em Havana, em 3 de janeiro de 1959. Posteriormente, foi Diretor do Banco Nacional de Cuba e Ministro do Interior. Descontente, porém, com os rumos da Revolução Cubana, resolveu exportar o princípio dos focos insurreccionais, fracassando no Congo e sendo morto enquanto tentava organizar a guerrilha na Bolívia. Marcelo Ridenti desenvolverá justamente a idéia de que Che, nesse percurso ideológico, retomou o mito do “homem novo”, presente nos artigos do jovem Marx, e o redimensionou à América Latina. “Há, em Guevara, uma idealização que coloca esse ‘homem novo’ com sólidas raízes num interior não contaminado pelas idéias capitalistas.”

Ao considerar Guevara o último de uma estirpe que começa com os bolcheviques e caminha rumo à construção do socialismo em busca de uma realidade mais justa e digna para o trabalhador, Del Royo procurará explicar por que o revolucionário ainda fascina. “Che não era um teórico, mas apresenta uma estatura moral inatacável num mundo contemporâneo marcado pela corrupção e pela crise do socialismo”, avalia.

Harmonia com a natureza, encantamento com a vida, raízes rurais e simplicidade, retomadas na literatura, na política e na música popular dos anos 60, são, para Ridenti, princípios presentes no romantismo revolucionário incorporados por Che Guevara. “Não tomo o termo ‘romantismo revolucionário’ de forma pejorativa, mas como uma vertente que resgata valores passados pré-capitalistas e pré-modernos em busca de uma sociedade mais justa”, afirma. O sociólogo tampouco idealiza lutas passadas ou busca uma repetição anacrônica da História. “Tentarei, sim, em minha palestra, desvendar os alcances e limites das lutas dos anos 60 em seu contexto histórico específico.”

O mesmo objetivo será buscado por Roberto Romano ao abordar “Che Gue-



**MÍDIA**  
Ridenti: Che e o romantismo revolucionário

vara e Camilo Torres”. O docente mostrará semelhanças e diferenças entre o guerrilheiro argentino e o peruano. “Tentarei deixar bem claro que a guerrilha não tem apenas uma matriz marxista. Guevara, por exemplo, era o modelo para os laicos e marxistas, enquanto Torres seguia princípios cristãos”, diz. O risco seria associar diretamente a esquerda à violência armada. “O marxismo não pode ser associado diretamente à guerrilha, pois esta tem diversas fontes de inspiração ideológica, como o catolicismo, o trotskismo e o nacionalismo.”

**ENIGMAS**

Convicto que o século XX começou, em termos históricos, em 1914, com a I Guerra Mundial e a Revolução Russa, e terminou, em 1989, com a queda do muro de Berlim e o fim do Leste Europeu, o sociólogo Otávio Ianni, do IFCH/Unicamp, discorrerá, no encontro, sobre “Guevara e a idéia de América Latina”. Sua proposta é verificar a transição do Terceiro Mundo para o neoliberalismo, com a transnacionalização acelerada da economia. “Vou discutir não só a trajetória de Che Guevara e da revolução cubana, mas os enigmas do mundo contemporâneo. Entre eles, a necessidade de os

países mais pobres abrirem suas economias para a sociedade globalizada.”

Tendo em vista que Guevara mostrou a possibilidade de forças populares ganharem uma guerra contra um exército regular, Ayerbe desenvolverá o tema “O guevarismo no contexto da guerra fria”, enfatizando que a escolha da Bolívia por Che

não foi arbitrária. “Por ficar no centro da América do Sul, a Bolívia tem uma posição estratégica de dimensão continental”, argumenta. O revolucionário argentino-cubano, para o historiador, acreditava de fato que o terreno fundamental da luta armada, na América subdesenvolvida, devia ser o campo. “Implantar a guerrilha na zona rural boliviana não foi uma aventura, mas uma estratégia muito bem definida.” Em sua palestra, Quartim de Moraes, que enfocará “O camponês ou a montanha? A ambigüidade estratégica da coluna guerrilheira”, pretende problematizar a opção pela guerrilha rural adotada por Che. “Foi uma manobra estratégica de uma operação militar que não chegou a se completar”, diz.

**CONFLITOS**

As aventuras e desventuras em que se envolveu Che Guevara, de acordo com Ianni, não são exceção no século XX. “Talvez seja impossível encontrar, no período 1914-89, um dia sequer sem um conflito armado em algum local do planeta”, afirma. Os conflitos seriam os mais variados, englobando desde disputas por terra a questões étnicas e divergências religiosas. “Foram anos em que o Brasil desempenhou um papel secundário na

conjuntura internacional, transitando do desenvolvimento nacionalista para o atual momento de globalização acelerada da economia e da perda de soberania.” O sociólogo exemplifica com Argentina, México e Índia. “Estão se transformando cada vez mais em quintais dos EUA”, conclui.

Ao tentar compreender as idéias e razões de Che Guevara, os palestrantes enfrentam o desafio de evitar a mitificação acelerada do guerrilheiro, que tem sua imagem comercializada em camisetas, broches, livros e chaveiros. “Talvez a vontade ético-política de mostrar que a História da Humanidade não acabou explique todo esse interesse pelo Che”, reflete Héctor.

“Comprar uma camisa com a figura dele tem um sentido. É dizer não à mesquinha num mundo marcado pela espreiteza, pela ânsia de ganhar dinheiro e pela corrupção. Che é, mais do que nunca, um contraste, uma opção de rebeldia”, avalia Quartim de Moraes, convicto de que muitos dos ideais de justiça expressos nos anos 60 não podem nem devem morrer. Entrê eles, o célebre slogan de Guevara: “Sejam realistas, exijam o impossível”.



Reproduzido do livro *In Our Time*/Guevara em Havana, Cuba, 1953. Foto de René Burri

**De volta aos anos 60**

O “Colóquio Internacional Ernesto Che Guevara: presença e permanência” será realizado, entre os dias 6 e 10 de outubro, em três câmpus da UNESP (Araraquara, Franca e Marília), no Centro de Documentação e Memória da UNESP (Cedem), em São Paulo, e na Unicamp, em Campinas. Docentes de Cuba, Argentina, EUA e França foram convidados ao colóquio. Estão programadas plenárias, conferências, debates, mesas-redondas e comunicações, além de atividades cultu-

rais, como lançamento de livros, exposição de fotografias e material jornalístico, exibição de filmes e apresentação de músicas que revelem influência do espírito de protesto dos anos 60. “Com esse encontro, pretendemos recuperar, por intermédio da figura de Guevara, o movimento de luta armada e o atual contexto político da América Latina”, pondera Héctor Luis Saint-Pierre. Maiores informações: (016)722-6222 ou pelo correio eletrônico hectorsp@turing.unicamp.br

# Rastreador de idéias

O historiador inglês Peter Burke mergulha no passado e resgata, em dois volumes, as obras dos italianos Castiglione e Vico.

OSCAR D'AMBROSIO

**E**studar História é muito mais do que apenas isolar um fato no tempo. É essencial acompanhar a trajetória, ao longo dos séculos, de uma idéia, livro ou autor. Um mestre na arte de percorrer essas verdades é Peter Burke, professor da Universidade de Cambridge (Inglaterra) e autor de dois livros recentemente lançados pela Editora UNESP. Num deles, persegue a repercussão, ao longo do tempo, de *O cortesão*, manual de boas maneiras na corte italiana, de Baldassare Castiglione (1478-1529); no outro, as idéias do filósofo Giambattista Vico (1688-1774). Além de serem italianos e de despertarem a curiosidade da mente irrequieta do historiador inglês, os dois intelectuais italianos têm, em comum, o fato de terem dialogado intensamente com sua época, deixando polêmicos conceitos como herança.

Com a experiência de ter exercido diversas funções nas cortes de Milão, Mântua, Urbino e Roma, Castiglione publicou *O cortesão (Il cortegiano)* em 1528. O livro despertou as mais diversas reações. Recebeu, segundo Burke, adjetivos como cínico, inocente, idealista, pragmático, sério e frívolo. Em *As fortunas d'O cortesão*, o historiador busca justamente estabelecer por que o livro despertou reações tão diversas e quais foram os seus leitores. Chega a relacionar 208 pessoas ou famílias que possuíram o livro, 85 que se referiram a ele e 35 que o utilizaram sem mencioná-lo. Desse modo, foi possível estabelecer redes de amigos e conhecidos que emprestavam a obra entre si.

## NORMAS DE CONDUTA

*O cortesão* tem como objetivo estabelecer normas de comportamento nas cortes. Castiglione escolheu a forma do diálogo, permitindo que diferentes vozes expressassem pontos de vista distintos. O cenário é o palácio ducal de Urbino em 1507. Durante quatro dias, a corte que rodeia a Duquesa Elisabetta Gonzaga discute as qualidades do cortesão perfeito. São enfocados temas como habilidades literárias, conhecimento de artes visuais, arte da conversação, maneiras de realizar brincadeiras adequadas e com graça, qualidades da dama ideal e a relação entre o cortesão e o príncipe.

Professor visitante da UNESP e internacionalmente respeitado pelos seus estudos fartamente documentados, Burke conseguiu encontrar 58 edições italianas de *O cortesão* no século XVI, o que sugere que o livro teve uma recepção calorosa. As mulheres recebiam recomendações para apresentarem "nobreza", "bondade", "boa administração" (do lar e da família), "prudência", "honra" e "afabilidade", enquanto os homens deveriam ter "nobreza", "perspicácia", "beleza e graça" e "habilidade com armas".

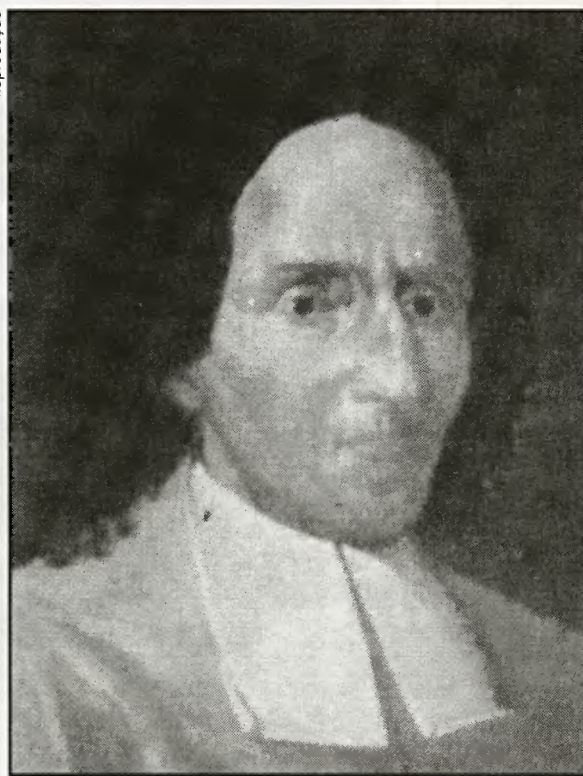
O pesquisador inglês, que teve livros como *A arte da conversação* e *A escola dos Annales* já publicados pela Editora UNESP, contabiliza ainda o número de traduções de *O cortesão* e a recepção da obra em diversos países, como Inglaterra, França, Espanha, Polônia e Portugal. Verifica, por exemplo, que o livro passou a vender menos quando as cortes italianas começaram a ser questionadas, principalmente pelos protestantes, que as julgavam um universo de futilidades. Paradoxalmente, a Contra-Reforma também passou a fazer restrições ao livro por julgá-lo "insuficientemente cristão" e portador de "certa imoralidade".

Outro fator que contribuiu para a perda de prestígio da obra foi a ascensão das

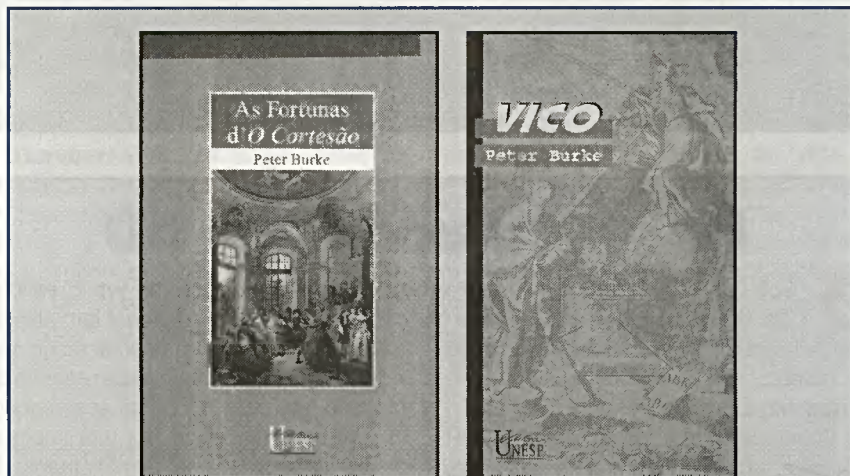


Retrato de Baldassare Castiglione, por Rafael, Louvre/Paris, 1514-15

**CORTESÃO**  
Castiglione:  
normas para a boa  
conduta nas cortes



**PRECURSOR**  
Vico: antecipando  
Jung, Lévi-Strauss  
e Piaget



*As fortunas d'O cortesão*, de Peter Burke. Editora UNESP; tradução de Álvaro Hattner; 232 páginas; R\$ 25,00. *Vico*, de Peter Burke. Editora UNESP; tradução de Roberto Leal Ferreira; 116 páginas; R\$ 13,00. Desconto de 25% para a comunidade unespiana.

monarquias absolutas na Europa. Como a palavra do rei passava a ser lei, não havia mais sentido em aprender formas de conduta, recato e bons modos. Apesar disso, ao redor de 1630, o livro ganhou o status de documento de uma época. No final do século seguinte, passou a ser, inclusive, leitura obrigatória nas escolas italianas.

Vico demorou muito mais para ser reconhecido. Sua obra foi praticamente ignorada enquanto esteve vivo. Coube ao historiador Michelet (1798-1874) retomar o pensamento do filósofo napolitano que, opositor do racionalismo de Descartes (1596-1650), acreditava que o verdadeiro objeto do conhecimento eram os feitos humanos, o mundo da cultura, não a natureza. Tal raciocínio despertou, posteriormente, o interesse de Karl Marx (1818-1883), do filósofo Benedetto Croce (1866-1952) e do escritor James Joyce (1882-1941).

## COSTUMES UNIVERSAIS

Burke, em *Vico*, considera o filósofo italiano um produto de seu tempo, enquanto a maior parte da crítica o considera um pensador moderno incompreendido na época em que viveu. Para chegar a essa conclusão, analisa detidamente a terceira edição de *Ciência nova*, reformulada por Vico em 1744, obra que aborda história, filosofia, poesia, teologia e direito, além de temas posteriormente estudados pela sociologia e a antropologia social.

Até Vico, acreditava-se que a natureza humana era a mesma em qualquer lugar e tempo. As únicas exceções foram Aristóteles, ao falar em "escravos por natureza", e os espanhóis do século XVI, ao considerarem os índios americanos "filhos da natureza", incapazes de se autogovernar e de ter um comportamento adulto.

A natureza humana, no entanto, de acordo com o filósofo italiano, teria mudado de modo radical, passando por três ciclos de civilização: a idade divina, povoada de deuses; a heróica, em que a força estabelecia os direitos; e a humana, caracterizada pela civilização. Burke destaca ainda como Vico, bem antes de Jung (1875-1961), julgava que certos costumes eram universais, como o sepultamento, o casamento e o culto. Ignorando ou dispondo de poucas informações sobre os egípcios e os povos americanos, seu foco de análise se concentrava na Grécia e Roma antigas, deixando de lado também a Idade Média.

Curiosamente, no século XX, tanto os historicistas, defensores da compreensão de uma realidade a partir de seu funcionamento interno, como os positivistas, que apregoam a existência de leis do desenvolvimento social, citavam Vico em defesa própria. Esse paradoxo explica a amplitude do pensamento do filósofo italiano, que antecipou os estudos do antropólogo Claude Lévi-Strauss (1908) sobre a mente selvagem e do pedagogo Jean Piaget (1896-1980) a respeito do pensamento das crianças e do desenvolvimento da mente.

Castiglione e Vico, para Burke, estimulam e inspiram novas idéias e interpretações. Se *O cortesão* mostra como os nobres deviam se comportar no século XVI, fornecendo indicações sobre o modo de vida das cortes italianas no período, o filósofo é comparado a Homero e Dante pela capacidade de "plantar sementes na imaginação dos leitores" graças ao "notável talento de ver conexões insuspeitadas". Este último atributo, de fato, é o que melhor define o próprio Burke, um historiador da cultura, caçador do passado especialista em visitar obras e autores sob novas e enriquecedoras perspectivas analíticas.



# A aventura feminina nos trópicos

**História das mulheres no Brasil investe contra os estereótipos que acompanham a condição feminina há quatro séculos**

Poucos hoje ainda ousam dizer que a mulher é o sexo frágil. No entanto, ao se usar a palavra "feminino", o preconceito está presente, pois o vocábulo "fêmea", oriundo do latim, significa "fé de menos". Assim, nas sombras, os estigmas de menos força, poder, liberdade e razão acompanham a história da mulher, construindo um universo muito comentado, mas pouco explorado pela bibliografia nacional. Co-editado em abril último pelas editoras UNESP e Contexto, *História das mulheres no Brasil* supre essa lacuna. "A intenção da obra é trazer à tona a aventura existencial da mulher e desmistificar as visões estereotipadas que a acompanham desde a chegada de Cabral", diz a organizadora do volume, a historiadora Mary Del Priore, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

A coletânea reúne 20 textos e mais de 100 ilustrações sobre a condição feminina no País (veja quadro abaixo). É inspirada na *História das mulheres* (1990), dos franceses Michelle Perrot e Georges Duby, obra que se insere na nova história francesa, vertente que procura ver a história do ponto de vista do cotidiano das pessoas comuns. Relatora do documento que o Brasil apresentou na Conferência Mundial da Mulher, em Pequim, em 1995, a promotora de Justiça de São Paulo Luiza Nagib Eluf aprova o tom coloquial dos ensaios. "Os ensaios recontam uma história que ficou perdida na sociedade patriarcal, tornando a mulher visível", diz. A advogada acrescenta ainda sugestões para um segundo volume. "Poderiam ser escritos capítulos sobre a história do feminismo e sobre a progressiva aquisição de direitos legais pela mulher."

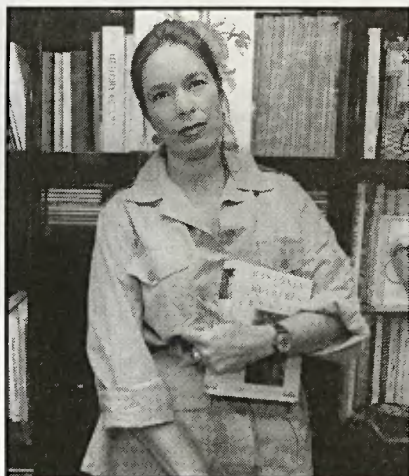
## MULHER E TRABALHO

A relação entre a mulher e o mercado profissional é um dos principais pontos do livro. Lembrando que, segundo o IBGE, em 1994, 58% da força de trabalho feminina dedicava-se à prestação de serviços (13,3%, à agricultura; 13,2%, ao comércio; e 12,7%, a atividades industriais), a socióloga Maria Aparecida Moraes Silva, professora aposentada da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) de Araraquara, em seu ensaio "De colona a bóia-fria", incluído no volume, analisa especificamente a vida das mulheres que trabalham no campo. "Elas escrevem um capítulo da nossa história. Na virada dos anos 50 para os 60, por exemplo, foram submetidas a um intenso processo de exploração nas lavouras", explica.

A cientista social Maria Ângela D'Incao, também professora aposentada da FCL, enfoca outro lado da condição feminina. Estuda, em "Mulher e família burguesa", a mulher que permanece em casa exercendo o papel de mãe enquanto o marido sustenta o lar. A pesquisadora, autora de *Sentimentos modernos e família* (Editora Brasiliense;



Vicente Sompalo



**VÍTIMAS**  
Del Priore: mulheres sofridas



**FONTES**  
D'Incao: o valor da literatura

160 páginas), valoriza a literatura como fonte para tomar contato com a história das mulheres. "A escritora Adélia Prado é um paradigma", diz. "Somente uma mulher poderia descrever a realidade

prosaica da maneira que ela faz."

Única escritora a participar de um volume escrito por docentes universitários, Lygia Fagundes Telles lembra que as mulheres somente ganharam maior

visibilidade social durante a Segunda Guerra, quando passaram a substituir os homens nas fábricas. "Elas provaram, em meio ao conflito, que as mãos femininas podiam lidar com uma prensa rotativa com a mesma facilidade com que bordavam uma almofada", diz. A autora do romance *As meninas* destaca ainda a importância da literatura feita pelas descendentes de Pandora, a mítica mulher criada por Zeus para castigar o desejo humano de se igualar aos deuses. "Antes, a mulher era explicada pelo homem", pondera. "Agora, é a própria mulher que se desembrulha." Conclusão da historiadora Del Priore: "Antes de ser vítima do Estado ou da Igreja, a mulher, principalmente antes dos métodos de contracepção, é vítima de seu próprio corpo. É nele, seja na lavoura ou na cama, que podem e devem ser encontradas as experiências vivenciadas pelas mulheres brasileiras nos últimos quatro séculos."

Oscar D'Ambrosio

## RESENHA

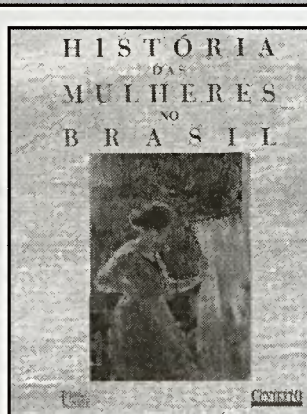
### Se me deixam falar...

A mulher, entre Eva, a pecadora, e a divina Maria.

Qual é o perfil das mulheres do Brasil? São devotas Amélias, pueris normalistas ou líderes de movimentos grevistas prontas a reivindicar igualdade de salários numa sociedade machista? Para desvendar essas questões, a coletânea *História das mulheres no Brasil* dá poder de fala a um sexo que teve sua voz abafada desde os primeiros passos dados pelos conquistadores portugueses em Porto Seguro.

Organizado pela historiadora Mary Del Priore, o volume reflete a realidade social e cultural da mulher, abrangendo o campo, a cidade e as regiões norte, sudeste e sul do País. Casa, rua, fábrica, sindicato e escola são enfocadas sob um viés que coloca a mulher no centro da história. Assim, a coletânea se inicia com a tentativa de refazer o cotidiano feminino entre os tupinambás a partir dos relatos de viajantes europeus e começa a percorrer a sexualidade feminina na colônia, analisando as tentativas da Igreja de cercear os adultérios.

Centro de sedução, prazer sexual e sofrimento, devido aos numerosos par-



*História das mulheres no Brasil*, Mary Del Priore (org.); Editora UNESP e Editora Contexto; 680 págs.; R\$ 75,00, com desconto de 25% para a comunidade unespiana.

tos, o corpo feminino, até o século XVIII, era visto, tanto pelos pregadores católicos, como pelos médicos, como um cenário confuso no qual Deus e o Diabo se digladiavam. A Eva pecadora e a divina Maria se entrelaçavam em limites pouco

definidos. No século seguinte, porém, a mulher deixou de ser um mistério e a psiquiatria, ao tentar explicar a alma e o corpo femininos, realizava uma busca obsessiva para encontrar eles entre as alterações de humor, a menstruação e a loucura. Nos anos 1950, a mulher foi alçada a um altar de pureza. As revistas femininas divulgavam modelos de comportamento que preconizavam casamento, maternidade e afazeres domésticos. Gestos contidos e virgindade eram valorizados e produtos de beleza anunciados como formas de evitar a humilhação de "ficar para tia".

Evitando jargões acadêmicos ou um viés feminista, o livro realiza um percurso das tabas às mulheres trabalhadoras com a convicção de que a verdadeira história das mulheres não é a das heroínas, mas a das anônimas Evas tupinambás e das primeiras líderes sindicais, personagens de um volume que, de agora em diante, será referência obrigatória para libertar vozes, femininas ou não, reprimidas pela história oficial.

(O.D.)

# Editora lança nove títulos na Bienal carioca

**O horror econômico lidera vendas entre 120 obras do catálogo da Editora UNESP**

Toda Bienal do Livro marca um período de lançamentos e de agitação nas editoras. Com 500 expositores e 1,5 mil lançamentos nacionais e internacionais, a 8ª Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro não fugiu à regra. Realizada entre 13 e 24 de agosto, no Riocentro, ocupou uma área de 44 mil m<sup>2</sup>, o dobro do espaço ocupado pela última edição carioca. A Editora UNESP esteve presente ao evento e, em seu estande, exibiu os cerca de 120 títulos que compõem seu catálogo. O mais vendido, confirmando as expectativas, foi o *best-seller* *O horror econômico*, de Viviane Forrester. O estande da Editora ocupou 30 m<sup>2</sup> e contou ainda com um espaço visual para celebrar uma década de existência. Neste, foram apontadas as pequenas mudanças em seu logotipo durante o período.

O editor executivo Túlio Kawata, da Editora UNESP, considera que as Bienais do Livro de São Paulo e do Rio de Janeiro, realizadas propositalmente em anos alternados, contribuem para a ampliação do público leitor. "Elas aproximam do livro pessoas que, em condições normais, não entrariam numa livraria", diz. "Muitas não tem o hábito da leitura, mas vêm o evento como uma grande festa e podem alterar seu comportamento a partir do contato com obras literárias e com autores."

**NOVIDADES**

Nove livros – sete traduções e dois de autores nacionais – foram lançados durante o evento pela Editora UNESP. Entre eles, Kawata destaca *Teoria do teatro: estudo histórico-crítico dos gregos à atualidade*, de Marvin Carlson, professor de Teatro e Literatura Comparada no Centro de Pós-Graduação da Universi-

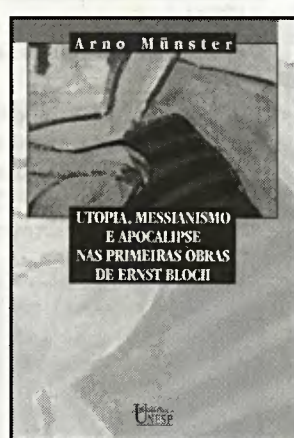
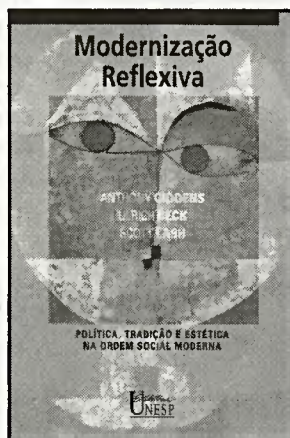


Detalhe da capa do livro *Ideologia*, de Terry Eagleton. A ilustração é de Loredano

dade da Cidade de Nova York. "Pelas suas mais de 500 páginas, pelo esforço de tradução e, principalmente, pelas suas qualidades intrínsecas, pode ser considerado um dos principais livros na área publicados no Brasil", diz.

Outro título de grande repercussão na esfera acadêmica, relançado durante a Bienal, foi *Homens livres na ordem escravocrata*, da socióloga Maria Sílvia de Carvalho Franco, da Unicamp. "Trata-se de um livro clássico que aborda um assunto ímpar: a vida, no Brasil colonial, daqueles que não eram nem fazendeiros nem escravos", explica Kawata. *Metamorfoses: a poética de Cláudio Manuel da Costa*, do lingüista Edward Lopes, professor da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Araraquara, também ganha relevância, segundo o editor, por analisar a produção do poeta árcade no contexto da Inconfidência Mineira. Organizada por David Miliband, analista político do Partido Conservador inglês, a coletânea *Reinventando a esquerda* também é destacada por Kawata. "É um dos casos em que acadêmicos conseguem estar em sintonia com as mudanças do mundo contemporâneo", afirma.

Outros títulos lançados pela Editora UNESP na Bienal: *Ideologia: uma introdução*, de Terry Eagleton (co-edição com a Boitempo); *O corpo da pátria: imaginação geográfica e política externa no Brasil (1808-1912)*, de Demétrio Magnoli (co-edição com a Moderna); *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*, organizado por Anthony Giddens; *Utopia, messianismo e apocalipse na obra de juventude de Ernst Bloch*, de Arno Münster; e *Depois do sucesso: ansiedade e identidade fin-de-siècle*, de Ray Pahl.



**HISTÓRIA**

## Nos limites da desrazão

Ao longo da história, o movimento operário sempre foi acusado de tomar, em greves e passeatas, atitudes violentas, selvagens ou próximas ao barbarismo. Essa discussão é levada adiante pelo historiador Gabriel Giannattasio, em *Tiranía da norma: estado e movimento operário*, versão em livro da dissertação de mestrado que defendeu, em 1993, no Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, câmpus de Assis.

O autor, hoje professor na área de Teoria da História na Universidade Estadual de Londrina, enfoca especificamente a experiência dos traba-

lhadores ferroviários e rurais no município de Assis, no período 1933-1963. "Exemplo de história regional, o livro vale-se preferencialmente de fontes jurídicas obtidas no Centro de Apoio à Pesquisa (Cedap), da FCL", diz a historiadora Anna Maria Martínez Corrêa, coordenadora do Centro de Documentação e Memória (Cedem) da UNESP e orientadora da dissertação. "As fontes da história operária foram perdidas, destruídas ou inexistentes. Portanto, os documentos que consultei no Cedap me ajudaram muito a revelar o lado obscuro da história do movimento operário de Assis", conclui o autor.



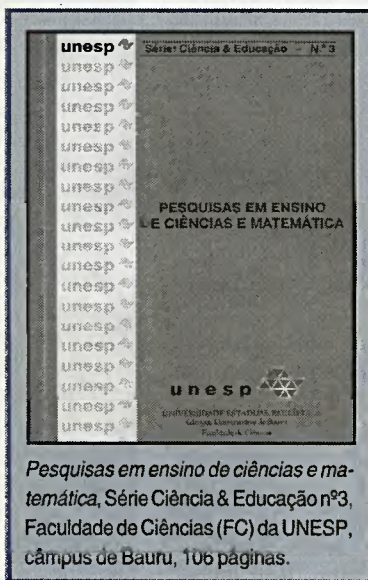
*Tiranía da norma: Estado e movimento operário*, de Gabriel Giannattasio. Editora da Universidade Estadual de Londrina; 156 páginas; R\$10,00.

**PEDAGOGIA**

## Educação continuada

Levar a teoria pedagógica para a prática da sala de aula é sempre um desafio. Tentando solucionar esse problema, a Faculdade de Ciências da UNESP, câmpus de Bauri, promove Seminários em Ensino de Ciências, Matemática e Educação Ambiental. As palestras destes ciclos assumem a forma de livros, distribuídos gratuitamente para os participantes e para as delegacias de ensino de Bauri, Jaú e Lençóis Paulista. O terceiro volume, recentemente publicado, contém artigos elaborados a partir do III Ciclo de Seminários em Ensino de Ciências, Matemática e Educação Ambiental, ocorrido na FC, em 1996. "Estes cadernos, fi-

nanciados pela Pró-Reitoria de Extensão e Serviços Comunitários, Proex, auxiliam a melhoria do processo de ensino na região", diz o educador Roberto Nardi, professor do Departamento de Educação da FC e organizador do evento e da publicação. Dos dez artigos da coletânea, sete são de profissionais vinculados à UNESP e abordam, entre outros temas, aspectos da vida de Jean Piaget que influenciaram o desenvolvimento de suas idéias. "Esta publicação incentiva os professores da rede pública a iniciarem um processo de educação continuada rumo a cursos de iniciação científica, especialização e mestrado", avalia Nardi.



*Pesquisas em ensino de ciências e matemática*, Série Ciência & Educação nº3, Faculdade de Ciências (FC) da UNESP, câmpus de Bauri, 106 páginas.

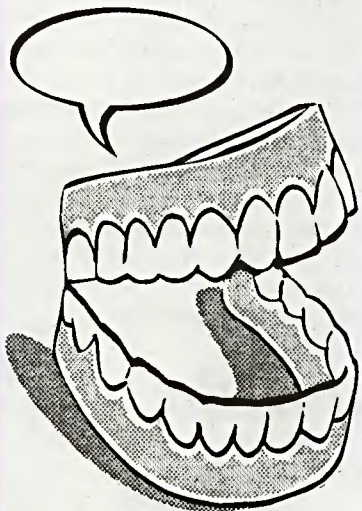


**ARARAQUARA**

• 3/9 a 5/11. **Gestão da Qualidade Total e ISO 9000.** Curso dirigido a alunos de graduação de Farmácia-Bioquímica. Por José Paschoal Batistuti. Das 19h às 22h. Na sala 23 da Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF). Informações (016) 232-0200, ramais 280 e 211.

• 9 a 26/9. Programa de Palestras para **Alunos do 2º Grau.** Promoção do Instituto de Química (IQ). Dia 9, "O nascimento da química moderna", por José M. Motta, na Escola Prof. Victor Lacorte (Araraquara), dia 10, "Plantas Medicinais", por Wagner Vilegas, na Escola Padre Francisco Culturato (Araraquara); dia 11, "Enzimas em processos industriais", por Olga Oliveira, na Escola Prof. Josepha Bersano (Ibitinga); dia 15, "Plantas medicinais", por Wagner Vilegas, na Escola Anna de Oliveira Ferraz (Araraquara); dia 18, "Bioquímica da nutrição", por Olga Oliveira, na Escola Vicente Prado (Itapuf); dia 22, "Plantas medicinais", por Wagner Vilegas, na Escola José Conti (Igará do Tietê); dia 26, "Bioquímica da nutrição", por Olga Oliveira, no centro estudantil Prof. Zien Nassif (Jau). Às 19h30 (dia 26, às 8h30). Informações (016) 232-2022.

• 12/9. Último dia da Exposição de **Fotos Odontológicas**, iniciada em 18 de agosto. Promoção do Departamento de Materiais Odontológicos e Prótese. Das 8h às 18h. Na Faculdade de Odontologia (FO). Informações (016) 232-1233, ramal 175.



• 16 a 20/9. **Semana Cultural da Farmácia.** Na programação, oficina teatral, origames, coral, dança contemporânea, poesia, ginca e musicoterapia. Coordenação do Centro Acadêmico de Ciências Farmacêuticas e da FCF, local do evento. Informações (016) 236-6465.

• 19 e 26. **Continuação dos Seminários Gerais da Pós-Graduação.** Dia 19, "Complexos B1 e Trifosfínicos e suas aplicações", por Karen Wohnrath; dia 26, "Termogravimetria", por Wilson Costa. Os seminários começaram em agosto e prosseguem até novembro. Às 14h30. No anfiteatro da biblioteca do IQ. Informações (016) 232-2022, ramal 140.

**ASSIS**

• 3/9 a 3/10. Período de inscrição para o Curso de **Pós-Graduação em História** para 1998, área História e Sociedade. Linhas de pesquisa: história e instituições, história das mentalidades, história e movimentos sociais e história regional. Seleção em outubro, para doutorado, e em novembro e dezembro, para mestrado. Na Faculdade de Ciências e Letras (FCL). Informações (018) 322-2933.

• 8 a 12/9. **IV Semana de Biologia.** O encontro objetiva reunir professores, pesquisadores e estudantes sobre diversos assuntos relativos à área. No programa, atividades culturais, palestras, minicursos e mesas-redondas, com especialistas da UNESP, USP e UFMG. Na FCL. Informações (018) 322-2933, ramal 296.

• 10 a 12/9. **I Encontro do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (Cedap)** da FCL. Uma reflexão sobre a especificidade dos acervos documentais das universidades paulistas. Haverá mesas-redondas, conferências e workshops. Das 9h às 21h. Na FCL. Informações (018) 322-2933, ramal 229.

• 23 a 26. **II Jornada de Pesquisa.** Professores e alunos discutirão problemas relativos a pesquisas, buscando integrar os trabalhos científicos desenvolvidos no câmpus. Haverá conferências, mesas-redondas e exposição de trabalhos. Das 9h às 21h. Na FCL. Informações (018) 322-2933.

**AGENDA**

RELAÇÃO DOS EVENTOS PROMOVIDOS  
PELAS UNIDADES NO MÊS DE SETEMBRO

**BAURU**

• 23 a 25/9. **III Fórum de Debates em Extensão Universitária e Assuntos Comunitários.** Tema: "UNESP e Sociedade - Extensão à Comunidade e Prestação de Serviços: Dúvidas e Certezas". Das 9h às 16h. Na Faculdade de Ciências (FC). Informações (014) 230-2111, ramais 138 e 244.

• 24/9/97 a 27/5/98. Curso de extensão universitária **Microorganismos: Teoria e Prática Docente.** Objetiva focar os aspectos imunológicos, microbiológicos e histológicos de enfermidades de interesse em saúde pública para auxiliar professores de 1º e 2º graus. O curso é estruturado em oito módulos, uma vez por mês. Às quartas-feiras, das 8h às 18h. No Laboratório de Biologia da FC. Informações (014) 230-2111, ramal 112.

• 29/9 a 1º/10. **IV Simpósio de Engenharia de Produção.** Na programação, automação, ambiente, trabalho e tecnologia, ergonomia, organização do trabalho e projeto do produto e da fábrica. Promoção do Departamento de Produção da Faculdade de Engenharia e Tecnologia (FET). Informações (014) 230-2111, ramal 137.

• 29/9 a 2/10. **Semana da Engenharia.** Palestras e minicursos destinados a alunos dos cursos de Engenharia Civil, Mecânica e Elétrica. Na FET. Informações (014) 230-5070.

**BOTUCATU**

• 9, 11 e 30/9. **Shows Musicais.** Dia 9, "Só Dolores", homenagem a Dolores Duran, com Graziella Hessel, Edson Tobinaga e Daniela Paciello, às 20h30, na sede social da Associação Atlética Botucatuense (AAB). Dia 11, "Ritmos Árabes", com o grupo El Khallili Delly Dance, às 20h30, no Auditório da FCA. Dia 30, "Um Conceito Inédito em Música ao Vivo", com Eneida Lafs e Tarcísio Góes, às 20h30, na sede social da AAB. Promoção dos centros acadêmicos do IB, da FCA e da FMVZ, da AAB e da Prefeitura. Informações (014) 821-2121, ramais 2347 ou 2011.

• 15 a 27/9. **Ensaio Não Destrutivo Para a Madeira.** Frank C. Beall, da Universidade da Califórnia, especialista americano na área de tecnologia de madeira, visitará a Faculdade de Ciências Agrônomicas (FCA) para dar palestras e consultoria em pesquisas. Informações (014) 821-3883, ramal 194.

• 13, 20 e 27/9. **Curso Prático de Cultivo Doméstico e Conservação.** Dia 13, "Plantas ornamentais"; dia 20, "Horta doméstica"; dia

27, "Como conservar seus alimentos". Aulas práticas e teóricas, enfocando técnicas adaptadas às residências. Das 8h às 18h. No Departamento de Horticultura da FCA. Informações (014) 821-3883, ramais 172 e 203.

• 15 a 19/9. **VI Curso Prático de Reprodução Equina.** Dirigido a médicos veterinários ligados à área. No programa, exame andrológico, morfologia espermática, ultrassonografia e cirurgias, entre outros temas. Promoção do Departamento de Reprodução Animal e Radiologia Veterinária da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ), local do evento. Das 8h às 18h. Informações (014) 21-2121.

• 19 e 20/9. **VII Curso de Atualização em Pediatria e III Encontro de Ex-Residentes.** Entre os temas, pneumologia, hepatologia e cardiologia pediátrica, queixas cardiológicas comuns em ambulatório de pediatria, avanços em hepatite e colestase, adolescência e assistência ao RN prematuro. Sexta-feira, das 13h30 às 21h30, e sábado, das 8h30 às 17h. No Salão Nobre da Faculdade de Medicina (FM). Informações (014) 821-2121, ramal 2274.

**FRANCA**

• 15 a 17/9. **II Encontro de Direitos Humanos, Cultura e Cidadania.** O tema deste ano é "Violência e dignidade humana". Objetiva trocar experiências no âmbito das relações humanas e das políticas sociais, apresentar as posições das instituições organizadas e legitimadas na sociedade e promover o desenvolvimento técnico-científico de profissionais, alunos e estagiários. Presenças de secretários de Estado, representantes do Superior Tribunal Federal e de professores da USP e da UERJ, entre outros convidados. A partir das 19h30. Na Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FHDSS). Informações (016) 711-1800.

• 17/9. **Integração e Expressão, Corpo, Movimento, Emoção.** Oficinas de Biodança apresentadas pelo professor Hercílio Rafami. Coordenação de Ana Maria Faleiros, do Departamento de Educação. Objetiva a integração dos alunos, por meio de uma atividade de grupo com música, movimento e dança. Haverá reprises nos dias 21 de outubro e 5 de novembro. Nos períodos diurno e noturno. Na FHDSS. Informações (016) 711-1800.

• 30/9. Apresentação dos trabalhos da **II Jornada de Iniciação Científica.** Divulgação dos trabalhos de pesquisa desenvolvidos por estudantes dos cursos de Direito, História e Serviço Social. Durante todo o dia. Na FHDSS. Informações (016) 711-1800.

**ILHA SOLTEIRA**

• 29/9 a 10/10. Curso de extensão universitária **Técnica de Microcontroladores.** Dirigido aos engenheiros e técnicos da CESP. Das 8h às 17h30. No Departamento de Engenharia Elétrica da Faculdade de Engenharia (FE). Informações (018) 762-2125, ramal 21.

**JABOTICABAL**

• 9 a 12/9. **Sistemas de Produção de Peixes.** Curso dirigido principalmente a piscicultores e técnicos. No programa, a importância da qualidade da água, calagem e adubação de tanques, transporte, patologia e rações, entre outros temas. Das 8h às 18h. No Centro de Aquicultura da UNESP e na sala 31 da Central de Aulas da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV). Informações (016) 323-1322, na Fundação de Estudos e Pesquisas em Agronomia, Medicina Veterinária e Zootecnia (Funep).

• 17 e 18/9. **2º Encontro de Atualização Técnica em Pecuária Leiteira** da Região de Ribeirão Preto. Dirigido a técnicos e profissionais da área. Das 8h às 18h. No Centro de Convenções da FCAV. Informações (016) 323-1322, na Funep.

**PRES. PRUDENTE**

• 23/9 a 24/10. **Computadores na Educação.** Dirigido a estudantes, professores primários e secundários e comunidade. No Laboratório do GPSETE da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT). Informações (018) 221-5388.

• 24 a 27/9. **IV Simpósio de Fisioterapia.** Dirigido a graduandos em Fisioterapia e profissionais da área. Promoção do Departamento de Fisioterapia da FCT, local do evento. Informações (018) 221-5388, ramal 241.

**S. J. RIO PRETO**

• 1º a 5/9. Período de inscrição para o curso de pós-graduação **lato sensu Estudos Avançados em Linguística e Língua Portuguesa.** O curso começa no dia 20 de setembro e terá duração de um ano. Inscrições de 15 a 18 de setembro. No Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Iblice). Informações (017) 224-4966.

• 29/9 a 30/10. **XVII Semana do Tradutor.** Palestras e minicursos sobre o tema "Tradução e comunicação" e assuntos relacionados ao inglês, francês, espanhol e italiano. Envio de resumos para a apresentação de trabalhos até o dia 19. No Iblice. Informações (017) 224-4966, ramais 269, 270 ou 254.

**SÃO PAULO**

• 2/9 a 9/12. Curso de extensão universitária **Formação de Animadores Culturais.** Docente responsável, Marisa Fonterrada, do Departamento de Música. Às terças-feiras, das 19h às 21h. No Instituto de Artes (IA). Informações (011) 274-4733, ramal 239.

• 4/9. **Panorama da Música de Vanguarda 19.** Obras eletroacústicas para piano e tape/live-electronics de Láslo Dubrovay, Fabián Panisello, Cláudio Santoro, Flo Meneses, Thomas Kessler, Igor Lintz-Maués. No piano, Kennedy Moretti. Organização do Studio PanAroma de Música Eletroacústica da UNESP/Faculdade Santa Marcelina (FASM). Às 20h. Na FASM, Rua Dr. Emílio Ribas, 89, São Paulo. Informações (011) 241-2401, com Flo Menezes, professor do IA e diretor artístico do Studio.

• 10/9. **Revitalização de um Acervo Musical Paulista dos séculos XVII e XIX.** Conferência do professor Paulo Castagna, do Departamento de Expressão e Comunicação do IA. Às 11h. Na FASM. Informações (011) 274-4733, ramal 207.

• 10/9. **Sensíveis Encontros Com a Expressão no Plano - Relevô a Seco.** Curso livre a cargo de Norberto Stori, do Departamento de Expressão e Comunicação. Das 13h às 16h. No IA. Informações (011) 274-4733, ramal 207.

• 13/9. **Encontro Com o Compositor Dieter Schnebel.** Docente responsável, Yara Caznok, do Departamento de Música do IA. Às 10h. Na FSM. Informações (011) 274-4733, ramal 207.

• 15/9. **Concerto para Violoncelo Solo.** Por Zygmunt Stanislaw Kubala, docente do Departamento de Música do IA. No programa, suítes para violoncelo solo: Bach, Telemann e Reger. Às 20h, no SESC Consolação, Rua Dr. Vila Nova, 245. Informações (011) 274-4733, ramal 239.



• 18/9. **Produtividade no Trabalho.** Tema de setembro do 1º Ciclo de Palestras Qualidade de Vida. Por Roberto Nunes Dias, técnico esportivo do IA. Das 13h às 14h. Na sala 1 do IA. Informações (011) 274-4733, ramal 207.

**SÃO VICENTE**

• 4/9 a 15/10. **Teoria e Prática no Recente Debate Historiográfico.** O curso visa aproximar o professor de maneira didática das linguagens pouco utilizadas e das várias formas de documentos, como música, cinema e pintura. Dirigido principalmente a professores de 1º e 2º graus. Das 14h às 18h. No Centro de Ensino e Pesquisa do Litoral Paulista (Cepel). Informações (013) 469-7682.

• 6/9 a 4/10. **Alfabetização Cartográfica,** Apresentação e Leitura de Mapas. O curso busca fornecer ao professor subsídios para um trabalho orientado visando o desenvolvimento das noções de espaço. Dirigido a professores da 1ª à 4ª série do primeiro grau. Das 9h às 17h. No Cepel. Informações (013) 469-7682.

• 13/9 a 18/10. **Matemática de 5ª a 8ª série.** O curso pretende dicutar, com base na prática do professor em sala de aula, temas e atividades que permitam analisar os currículos de Matemática que são usualmente aplicados e propostas de reformulação frente às necessidades do cidadão comum. Dirigido a professores de matemática da 5ª à 8ª série. Das 9h às 16h. No Cepel. Informações (013) 469-7682.

**Atenção, unidades:**

Prazo final de envio de informações sobre os eventos das futuras edições:

- edição de outubro, 18/9
- edição de novembro, 17/10
- edição de dezembro, 18/11

**Do tradicional à vanguarda**

Instituto de Artes apresenta quatro dias de ritmo e som

**D**urante quatro dias, de 23 a 26 de setembro, estudantes, professores, funcionários do Instituto de Artes (IA) do câmpus da UNESP de São Paulo e membros da comunidade em geral poderão ouvir e apreciar a mais pura música. Neste período estará acontecendo o XIII Festival Ritmo e Som, evento criado em 1984 como programa de extensão do Projeto Movimento Ritmo e Som do instituto. "Será uma viagem pelo universo artístico-musical desde a pesquisa de ritmos tradicionais à produção de vanguarda", sintetiza Maria de Lourdes Sekeff, docente do Departamento de Música do IA, criadora e diretora do Movimento Ritmo e Som.

O evento, nascido como Semana Ritmo e Som, era inicialmente apenas uma atividade de estudantes. "Com o tempo, abrimos para a participação de toda a comunidade do instituto, incluindo funcionários, e promovendo intercâmbios com orquestras e outros institutos", conta Sekeff. O público que comparecer ao festival poderá acompanhar, por exemplo, apresentações da Orquestra de Câmara da UNESP, do Coral Paulistano e da Banda Sinfônica do Estado de São Paulo. Haverá ainda, nas dependências do IA, uma exposição de esculturas e de quadros, respectivamente dos professores Lalada



Monica Richter

**FESTIVAL Sekeff: universo artístico-musical**

Dalghish e Milton Sogabe.

O festival tem o apoio, entre outras entidades, das secretarias estadual e municipal de Cultura, do Teatro Municipal, da Escola de Comunicações e Artes da USP e da Embaixada da Áustria, que patrocinará uma exposição de telas do estilo Biedermeier, na capela do IA. Maiores informações sobre o festival, que tem entrada franca, poderão ser obtidas pelo telefone (011) 274-4733.

# CAMINHOS SUAVES

**Em Assis, três exemplos bem-sucedidos de como trabalhar com menores carentes, garantindo-lhes uma vida adulta saudável e ajustada.**



Fotos Noélio Ipe

## Aqui não há rótulos, nem separação de irmãos.

Entidades filantrópicas indicam novos caminhos para instituições oficiais

**C**rianças órfãs ou abandonadas recolhidas por entidade filantrópica de Assis tiveram oportunidade de uma vida melhor e maiores chances de se inserir na sociedade do que podem ter aquelas que são criadas em instituições oficiais, como a Febem. A conclusão é da psicóloga e professora aposentada da UNESP Elizabeth Piemonte Constantino, autora da tese de doutoramento *Meninos institucionalizados: a construção de um caminho*, defendida em fevereiro passado, na Faculdade de Filosofia e Ciências, câmpus de Marília.

Aprovada com distinção e louvor, a tese é o resultado de um trabalho que começou em 1986. Elizabeth desenvolvia, então, um está-

gio supervisionado para alunos do Curso de Psicologia do então Instituto de Letras, História e Psicologia, câmpus de Assis, na Casa de Criança de Assis. "Nessa primeira etapa, trabalhamos com 20 crianças de 5 a 7 anos", conta Elizabeth. "Quase 10 anos depois, entre 1995 e 1996, acompanhei a vida de 10 egressos dessa instituição, quatro dos quais fizeram parte da primeira pesquisa."

Depois de comparar as observações que fez na instituição de Assis com trabalhos de outros pesquisadores sobre a Funabem e a Febem, Elizabeth chegou à conclusão de que as instituições assistenciais filantrópicas, do tipo da estudada, podem ser, em alguns casos, mais benéficas às crianças do que as oficiais. "A

entidade em questão apresentou melhor estrutura e funcionamento, quando comparada com outras do tipo Febem", revela. "Por isso, proporciona maiores possibilidades de adaptação dos jovens egressos à comunidade."

Há alguns motivos para este tipo de instituição ser melhor que suas congêneres oficiais. Ao contrário do que acontece na Febem, por exemplo, nas entidades filantrópicas os irmãos não são separados, o número de internos é bem menor e os egressos não são rotulados. "Além disso, por localizarem-se em cidades de porte médio, essas instituições recebem apoio maciço da comunidade", explica a psicóloga.

O resultado é que os egressos das entida-

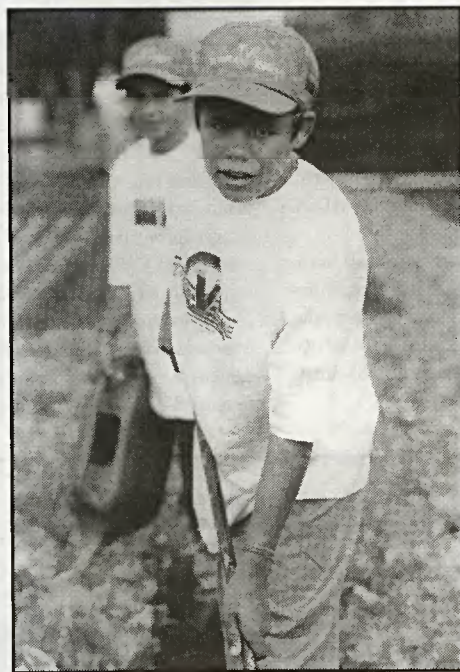
des filantrópicas têm maior facilidade de se engajar na sociedade, voltar para a família ou até mesmo constituir uma nova. "Todas as 10 crianças que estudei estavam bem adaptadas à sociedade", conta. "Estavam todas trabalhando e uma delas chegou a participar de um intercâmbio cultural com uma família da Jamaica, aprendendo a falar três línguas." Por tudo isso, Elizabeth acabou seu trabalho convencida de que as instituições oficiais devem ser modificadas. "O ideal seria a criação de lares substitutos, *unidades-lares*, com um número reduzido de internos", acredita. "Isso possibilitaria cuidados individualizados e vínculos afetivos e sociais entre os residentes."

## Saem as cores escuras, e a vida ganha novo colorido.

Adolescentes deixam as ruas para plantar, desenhar e sonhar com um futuro melhor.

**U**m projeto realizado conjuntamente pela Faculdade de Ciências e Letras do câmpus de Assis, por uma empresa de reflorestamento e pela prefeitura da cidade está retirando menores das ruas e dando uma chance para que eles possam ter um futuro melhor. Trata-se do projeto "Broto Verde", idealizado em 1993 pela empresa de reflorestamento Flora Vale, com o objetivo de prestar apoio a adolescentes carentes de Assis e região. O Broto Verde atua com menores na faixa de 12 a 14 anos, encaminhados pelo Conselho Tutelar, do Juizado de Menores, e pelo Clube da Criança, uma entidade municipal.

O coordenador do projeto por parte da UNESP é o psicólogo Francisco Hashimoto, do Departamento de Psicologia Experimental e do Trabalho. "Esse trabalho discute a questão da orientação psicológica para os adolescentes", explica Hashimoto. "O objetivo é dar condições ao adolescente de vivenciar um processo educativo preventi-



### DESCOBERTA Busca da identidade social e aceitação de limites

vo, buscando a solução de problemas do cotidiano."

O projeto tem trabalhado com 18 adolescentes. Este número está previsto para chegar a 40. Para participar do Broto Verde, os jovens devem estar frequentando a escola. Cada um recebe uma bolsa de meio salário-mínimo, atendimento psicológico, aulas de Educação Ambiental e formação profissional. "Nesse caso, eles ficam na Flora Vale, onde aprendem a coletar sementes, fazer mudas e a plantar", conta Hashimoto. Com isso, Hashimoto diz que o adolescente redescobre a sua origem e inicia um processo

de aceitação de suas possibilidades e limites, tornando-se um cidadão com melhores condições de analisar o espaço onde vive. "O trabalho é discutido como forma de capacitar o adolescente a preservar a sua identidade social", acrescenta o psicólogo. "Desta forma, ele consegue tornar o sofrimento um sentimento positivo e criativo."

Os resultados já começam a aparecer. Depois de um ano de participação no projeto, os desenhos feitos pelos adolescentes têm cores vivas, como vermelho, azul e verde, e figuras que simbolizam a vida, como árvores, casas, pessoas, carros e animais. "Antes, os desenhos vinham em cores escuras, quase sempre o preto, e as figuras lembravam a morte, representada por caixões, revólveres e cruces", conta Hashimoto. "Além disso, venceram a dificuldade de falar sobre a própria origem e passaram a compreender seus problemas e a buscar alternativas para resolvê-los."

## Verduras, legumes.

## E uma bolsa de meio salário.

Ex-delinquentes cuidam da horta comunitária e dos jardins do câmpus

**N**a mesma linha do projeto Broto Verde, o químico Lázaro Cícero Nogueira, professor do Departamento de Ciências Biológicas da Faculdade de Ciências e Letras do câmpus de Assis, criou o "Terra Verde". A diferença é que o projeto de Nogueira foi idealizado e colocado em prática por ele e outros voluntários, sem a participação institucional da UNESP.

Para levar adiante o projeto, Nogueira resolveu aproveitar a horta comunitária, mantida no câmpus por 160 sócios, entre professores, alunos e funcionários da Universidade, para dar noções de agricultura e jardinagem.

Por enquanto, participam do projeto oito menores, com idade entre 12 e 14 anos: seis na horta e dois nos jardins do câmpus. Para fazer parte do Terra Verde, os adolescentes devem estar frequentando a escola. "Antes eram meninos de rua, que praticavam pequenos furtos e cheiravam cola", conta Nogueira. "Hoje, além do aprendizado, os adolescente ganham, como todos os sócios da horta, verduras e legumes para levar para casa e uma bolsa de meio salário mínimo."

De acordo com o químico, já dá para perceber as mudanças de comportamento dos menores, cinco meses depois de cria-

do do projeto. "O relacionamento entre eles melhorou e eles já sonham com um futuro melhor." Um exemplo dessa transformação é Amadeus Soares, 13 anos. "Eu vivia na rua, pedindo dinheiro", conta o garoto. "Hoje estou na 3ª série do primeiro grau e já posso pensar numa vida melhor." Diante dos bons resultados, o químico quer expandir o projeto. "Temos potencial para trabalhar com 20 crianças", calcula. "Há projetos prevendo a atuação dos menores na biblioteca e nos laboratórios didáticos da universidade."

**Evanildo da Silveira**

### PROJETOS O químico Nogueira: potencial para trabalhar com 20 crianças

